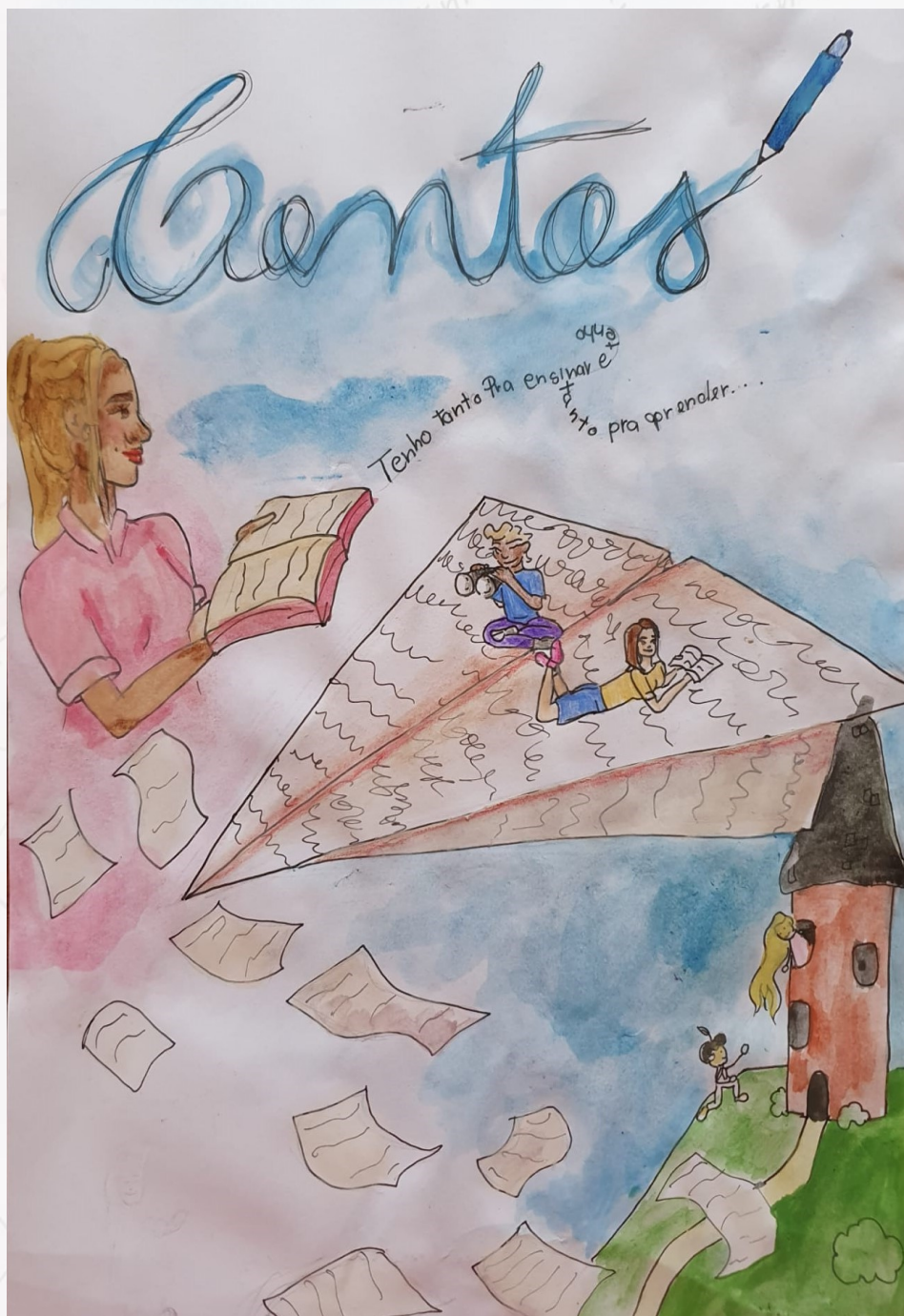


Contos

Tenho tanto pra ensinar e
tanto pra aprender...



Turma 8.º A



PORTUGUÊS

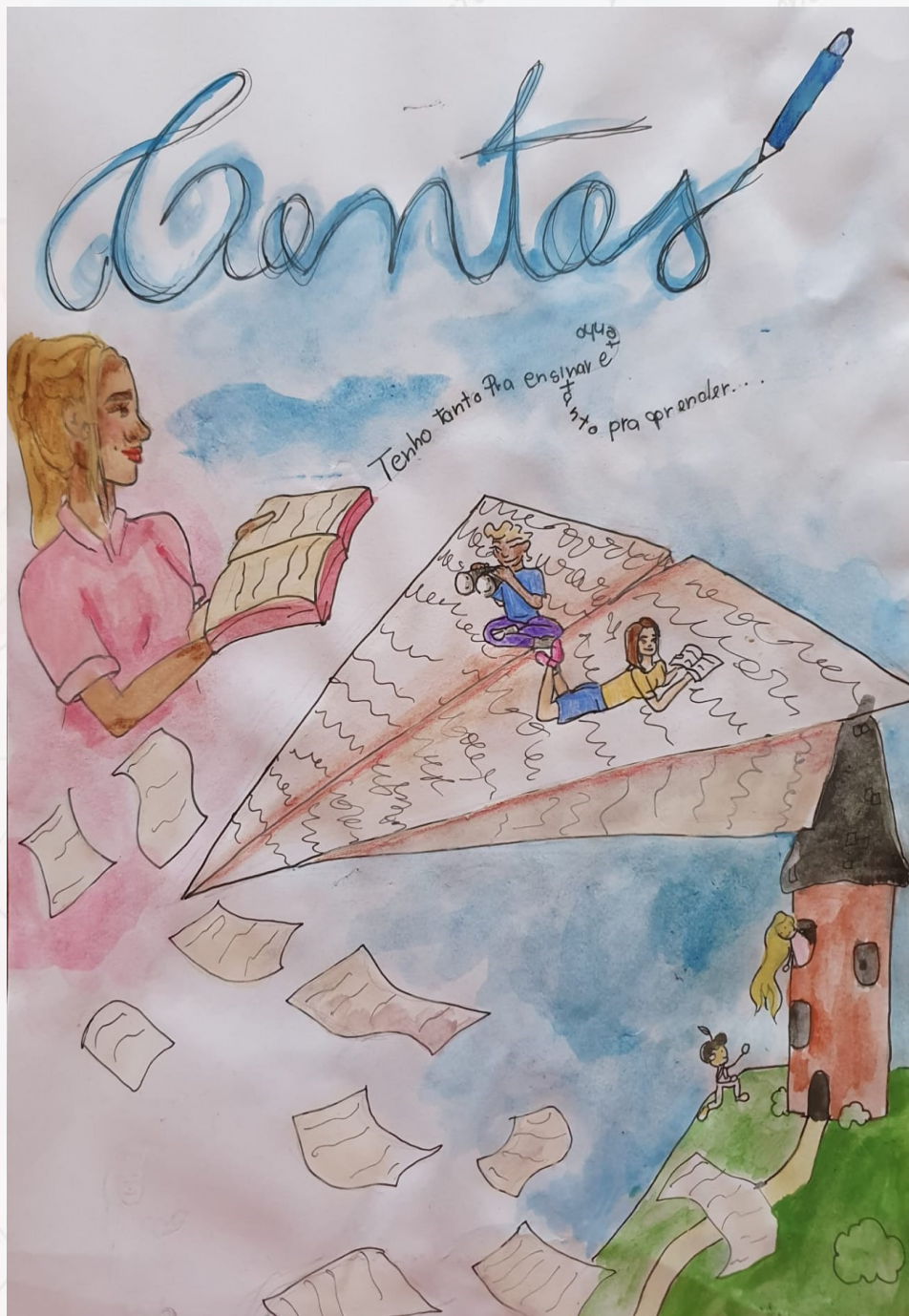
2021 / 2022



Prof.^a Isabel Machado

Prof.^a Helena Jesus

Turma 8.º A



PORTUGUÊS

2021 / 2022



EPSTP — CELP

Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe —
Centro de Ensino e da Língua Portuguesa

Contos



Tenho tanto pra ensinar e
tanto pra aprender...

Título: *Contos* — Turma 8.º A

© Turma 8.º A, São Tomé e Príncipe, 2022

Revisão: Isabel Machado e Helena Jesus

Capa: Diana Neves, n.º 10 — Turma 9.º C

Edição e Paginação: Isabel Machado

Ilustrações: Alunos da Turma 8.º A, exceto quando assinalado.

Impressão e acabamento: EPSTP

1ª Edição: julho de 2022

Publicações EPSTP

C.P. n.º 636 — São Tomé

www.escolaportuguesastp.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

ÍNDICE

Prefácio	2
• <i>A caça</i> , Alexandre Gomes	4
• <i>O filho do conde</i> , Alinne Renner	6
• <i>O pior Natal</i> , Ana Maria	9
• <i>O mistério da montanha iluminada</i> , Bianca Ceita	12
• <i>O segredo das Nuvens Prateadas</i> , Bruno Lima	18
• <i>A descoberta</i> , Celma Teixeira	21
• <i>A casa assombrada</i> , Cláudia Trindade	24
• <i>A amizade de sol e lua</i> , Denise Coelho	27
• <i>A troca</i> , Gabriela Carvalho	36
• <i>Um Verão aventureiro</i> , Henry Ferreira	43
• <i>Pontapé de saída</i> , Jack Diogo	47
• <i>A carta para o Pai Natal</i> , Leonor Moita	50
• <i>A Viagem de sonho</i> , Letícia Pereira	54
• <i>Em busca do paraíso</i> , Lídia Almeida	57
• <i>O reencontro</i> , Marlene Sarea	60
• <i>A princesa do olho dourado</i> , Melissa Ferreira	66
• <i>Vovovírus num apagão</i> , Nayole Guadalupe	72
• <i>Humanidade</i> , Sílvia Cruz	75
• <i>O sonho de muitos, a realidade de poucos</i> , Steven Ramos	78
• <i>A história da tartaruga Tatô</i> , Ticiane Alegre	81

PREFÁCIO

Esta obra está recheada de um conjunto vasto de histórias escritas pelos alunos da turma 8.ºA, ao longo do ano letivo de 2021 / 2022, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa. Em cada um dos seguintes contos, poderá encontrar diferentes estilos de escrita, desvendar inúmeras peripécias, aprender lições de moral, viajar para um novo mundo e ainda se identificar com as diferentes situações das vidas das personagens. Cada conto tem a sua capa com o título e uma ilustração criada por cada autor. E, ao longo da leitura, poderá desfrutar ainda de mais ilustrações contidas nos contos.

Boas leituras!

Dznsz Trindadz, n.º10 – 8.º 71

É maravilhoso e gratificante percebermos como os nossos alunos se apoderam desta forma da Língua Portuguesa, elo comum entre os nossos países, e nos privilegiam com estes contos das suas autorias.

Parabéns aos alunos e aos professores.

A Diretora
Manuela Costeira

Contos

Tenho tanto pra ensinar e
tanto pra aprender...

Contos

∞ A CAÇA ∞

Alexandre Gomes



Thaís Trigueiros, 9.º C

∞ A CAÇA | ALEXANDRE GOMES ∞

Num final de semana, estávamos em casa dos meus pais. O dia amanheceu com sol.

Enquanto tomávamos o café da manhã, ouvimos grunhidos de dois javalis que estavam muito distantes. Os grunhidos começaram a soar mais perto, de tal forma que tivemos de chamar os caçadores. Depois de os chamar, os javalis atacaram os cães.

No dia seguinte, ouvimos mais grunhidos, mas desta vez havia cinco javalis.

— De onde vêm tantos javalis? — perguntou o meu pai, desesperado e sem saber o que fazer.

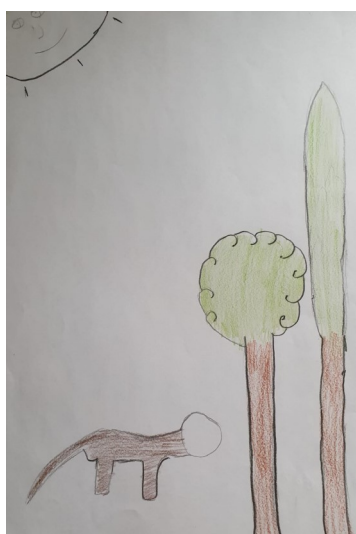
— Os javalis devem estar a vir da quinta do vizinho — respondeu prontamente um dos caçadores.

Nesse momento, os caçadores conseguiram apanhar os javalis, caçando-os.

De seguida, fomos até à casa do vizinho avisar que o portão da sua quinta estava aberto. No entanto, quando avisámos o vizinho, já era tarde de mais, pois os javalis já estavam todos mortos.

E assim, feliz ou infelizmente tudo acabou bem e o vizinho agora tem o cuidado de deixar o portão da quinta fechado.

∞ FIM ∞



❧ O FILHO DO CONDE ❧

Alinne Renner

∞ O FILHO DO CONDE | ALINNE RENNER ∞

Numa noite chuvosa, nasceu uma menina na aldeia de *Salt on Top*. Os seus olhos eram azuis e os lábios avermelhados, como amoras. Com o passar do tempo, ela foi ficando mais bonita, com os seus lindos cabelos cacheados. Certo dia, a mãe perguntou-lhe:

— Já pensaste em casar algum dia, filha?

— Às vezes, mas acho que não tenho idade para isso – respondeu a filha prontamente.

— Não tens idade? Mas já tens vinte anos! — Disse a mãe, espantada com a resposta que ouvira.

— Eu sei, mãe, mas não tenho tempo para isso.

— Todas as tuas irmãs já estão casadas!

A filha ignorou a mãe e foi fazer os seus deveres.

No dia seguinte, chegou à sua aldeia um conde muito rico e ele tinha um filho de olhos castanhos, cabelos ondulados e lábios rosados. Montados nos seus cavalos magníficos, deparavam-se com a alegria e entusiasmo dos aldeões que ali se encontravam, aplaudindo e gritando de alegria, enquanto passavam pelas ruas, pois eram duas pessoas muito queridas pelo povo. Foi então que, de repente, os olhos do jovem se cruzaram com os da menina, apaixonando-se imediatamente um por outro.

Após alguns dias na aldeia, o filho do conde conseguiu descobrir onde morava aquela menina de olhos sem igual. Ganhou coragem e resolveu bater à porta da casa onde ela vivia com a sua mãe.

— Boa tarde, minha Senhora – cumprimentou delicadamente a mãe.

— Boa tarde, meu Senhor. O que o traz por cá?

— Gostaria muito de falar com a sua filha — disse, um pouco ansioso.

— Porque é que está à procura da minha filha?

— Não me tenho cansado de a procurar, pois desde que a vi me apaixonei por ela e gostaria muito de me casar com ela — confessou.

☞ O FILHO DO CONDE | ALINNE RENNER ☜

De repente, a menina aparece ao lado da sua mãe e, com um sorriso doce nos lábios, disse:

— Boa tarde, meu Senhor. O que desejais?

— Não podes ficar aqui, filha — interrompeu a mãe, pois não queria que a filha soubesse das verdadeiras intenções do filho do conde.

— Está bem, mãe — respondeu, obedecendo à mãe.

Quando a menina saiu, os dois continuaram a conversar. Ao anoitecer, depois do jovem sair, a filha, cheia de curiosidade, dirige-se à mãe, perguntando:

— Mãe, o que é que o filho do conde queria?

— Ele queria pedir-te em casamento, pois está apaixonado por ti!

— A sério? Eu também me quero casar com ele! — disse a filha alegremente e muito segura de si.

Ao amanhecer, o filho do conde voltou à casa da menina e pediu-a em casamento. O dia do casamento foi maravilhoso. E viveram felizes para sempre!

☞ FIM ☜

❧ O PIOR NATAL ❧

Ana Maria



∞ O PIOR NATAL | ANA MARIA ∞

Benito, é um menino órfão, porque ele perdeu os seus pais num acidente de avião, ele conseguiu sobreviver e foi levado para um orfanato.

Era um menino muito alegre, só que com o desaparecimento dos pais ele tornou-se num menino triste e solitário. Havia um momento que o deixava um pouco mais feliz: a época do Natal. Ele adorava o Natal, porque podiam decorar um pinheiro gigante, comer muito e receber prendas, mas sobretudo porque ele sentia que no Natal os seus pais estavam com ele, pois os seus pais adoravam a época do Natal, e sempre faziam dela uma época muito especial.

Benito esperava cada Natal ansiosamente, era o seu momento especial. Ele queria começar a decoração do pinheiro, preparar bolos, cantar... Mas o que ele não esperava era receber uma péssima notícia: nesse ano, o orfanato não celebraria a festa do Natal porque as doações não foram suficientes.

Benito ficou devastado ao receber a notícia, a única coisa que ele podia fazer era chorar, chorar e chorar mais. Ele não gostava do orfanato. Cada Natal ele pedia para ver os seus e viverem felizes para sempre, mas o seu desejo nunca era ouvido pelo Pai Natal.

Vendo isso, ele decidiu que queria cumprir os desejos de outras crianças. Ele não queria que outras crianças ficassem tão tristes como ele. Ele queria ser um duende do Pai Natal, mas não sabia como falar com ele.

Benito foi para a cama muito triste e, umas horas depois, ele acordou com um barulho muito alegre. Ao abrir os olhos, viu que não estava no orfanato, ele estava na FÁBRICA DE BRINQUEDOS DO PAI NATAL!! O Pai Natal cumpriu o seu desejo!!

Ele chegou até à oficina do Pai Natal e falou:

Olá, Pai Natal.

— Olá, Benito — respondeu o Pai Natal.

Eu gostaria de se um duende — disse Benito.

— Eu sei, por isso é que te trouxe aqui — disse o Pai Natal.

∞ O PIOR NATAL | ANA MARIA ∞

— Para ser um duende, tens de assinar este contrato. Depois de trabalhar dez anos, poderás pedir qualquer desejo — afirmou o Pai Natal

E Benito aceitou sem pensar duas vezes, assinando o contrato.

Passaram já dez anos, e Benito sabia que já podia ter o seu grande desejo cumprido.

Caminhou até à oficina do Pai Natal e perguntou:

— Olá, Pai Natal, já passaram dez anos, será que já posso pedir o meu desejo?

— Sim, podes, qual é o teu desejo? — perguntou o Pai Natal.

— Eu... gostaria de viver para sempre com os meus pais_ confessou Benito.

— Tens a certeza? — inquiriu o Pai Natal.

— Sim, de certeza! — confirmou Benito.

— Então, o teu desejo será cumprido — referiu o Pai Natal, entusiasmado.

E, assim, o Pai Natal fez aparecer do nada uma porta grande, dourada e muito bonita.

Ao abrir a porta, Benito viu os seus pais à sua espera.

— Adeus, Pai Natal!

Benito despediu-se, e caminhou até o outro lado da porta, onde ele desejava estar há muito tempo.

∞ FIM ∞

☯ O MISTÉRIO DA MONTANHA ILUMINADA ☯

Bianca Cezita



∞ O MISTÉRIO DA MONTANHA ILUMINADA | BIANCA CEITA ∞

Numa floresta enorme, com uma grande variedade de espécies e localizada numa ilha desabitada, vivia uma pequena família, composta por um casal e uma filha.

Esta família era a única que vivia naquela floresta, e eles tinham uma vida completamente diferente das pessoas do resto do mundo. Ao acordarem, a filha, que se chamava Kayla, de sete anos, tinha de tirar frutos das árvores que eles tinham nos seus quintais e colocar em vários baldes para os seus pais poderem preparar grandes refeições para os animais da floresta e para eles próprios, também. O seu pai, que se chamava Luís, era responsável por ir à caça para procurar alimentos básicos para o almoço e o jantar da família. E a mãe, que se chamava Carolina, encarregava-se de distribuir os frutos que Kayla colhia para os animais.

Todos, principalmente Kayla, amavam a natureza e o contacto com os vários animais que estavam ali na floresta. Havia diversas espécies de animais: aves, macacos, gorilas, elefantes, zebras, hipopótamos, etc.

Numa noite fria e ventosa, Kayla acordou com o barulho de uma gorila, que eles chamavam de Glória, a gritar. E como se importava muito com os animais, saiu da sua casa para ver o que se passava. Quando encontrou a gorila Glória, notou que ela estava a chorar, então voltou a correr para dentro da sua casa para chamar a sua mãe e acordou-a para ir ver o que se passava com a gorila.

— Mãe, mãe, mãe, acorda! — gritou Kayla..

— Sim filha... — disse a mãe, a espreguiçar-se de sono.

— Levanta-te, rápido, mãe levanta-te! A Glória está a chorar, ela precisa da nossa ajuda! - afirmou Kayla.

Já lá fora, a mãe começou a fazer uns testes na gorila com uns aparelhos esquisitos e, após uma hora a fazer testes, disse:

— Não posso acreditar! A Glória está grávida de um bebé gorila! — afirmou com entusiasmo.

A família inteira ficou muito feliz com a notícia e, já no dia seguinte, tiveram a ideia de espalhar a notícia para os animais da floresta. Todos reagiram com muito

∞ O MISTÉRIO DA MONTANHA ILUMINADA | BIANCA CEITA ∞

ânimo e felicidade (por saber da notícia).

Passaram-se sete anos, e Glória já tinha o seu filho, chamado Guga, que se tornou no melhor amigo de Kayla. Eles faziam tudo juntos e divertiam-se imenso.

Certo dia, Kayla, o Guga e alguns animais da floresta juntaram-se à noite para contar histórias, como costumavam fazer.

Então, reuniram-se à volta de uma fogueira e a zebra Zoe começou por falar:

— Bem, meninos... Eu vou contar uma história verídica que aconteceu aqui na floresta... — afirmou em tom de mistério.



∞ O MISTÉRIO DA MONTANHA ILUMINADA | BIANCA CEITA ∞

— Ui ! Vai ser assustador? — perguntou Guga.

— Depende do que vocês acham que é assustador... — disse Zoe.

Todos se calaram e Zoe começou por contar a história:

— Em tempos, aqui nesta floresta, havia dois leões que tinham o hábito de caçar juntos todos os dias. Eles iam para muito longe e, por vezes, encontravam algo que lhes servisse de refeição, mas outras vezes não.

— Até agora, não vejo nada de assustador. — disse o Guga.

— Shiu! Caluda! Continuando... Um dia, eles foram tão longe que descobriram uma montanha mais ou menos elevada, e que era rodeada de astros e estrelas muito cintilantes, tendo no topo um arco grande e transparente.

— Uau, essa montanha devia ser muito bonita! — exclamou Kayla.

— Devia, não... É! — afirmou a zebra.

— Como assim, essa montanha existe? — perguntou, curiosa, Kayla.

— Pelo que dizem, sem... Mas como eu ia dizendo, os leões avistaram aquela montanha tão linda que decidiram escalá-la. Quando chegaram ao topo, os leões decidiram entrar naquele arco para ver o que lá havia. Mas, até hoje, ninguém sabe nada sobre o que aconteceu com eles... — disse Zoe em tom de suspense.

— Meu Deus! Coitados dos leões! — disse Kayla.

— Pois é. - concordou a zebra, Zoe. — Mas olhem, não tentem ir até àquela montanha! Pode ser perigoso! Ouviram, Guga e Kayla?!

— Sim, tia Zoe. — responderam ambas em coro, a olhar um para o outro.

No dia seguinte, Kayla acordou cedíssimo e foi logo a seguir acordar o seu amigo:

— Kayla? Ai, meu Deus, o que fazes aqui a esta hora? É muito cedo... — afirmou Guga a espreguiçar-se de tanto sono.

— Não interessa! Temos de ir para aquela montanha! Quero muito ver como ela é! — afirmou Kayla.

∞ O MISTÉRIO DA MONTANHA ILUMINADA | BIANCA CEITA ∞

— Kayla, tu achas mesmo que isso é uma boa ideia? — perguntou Guga, num tom um pouco sério. E acrescentou:

— A tia Zoe disse que era melhor que não fôssemos a essa montanha. E acho que os nossos pais não iriam gostar nem um pouco desta ideia.

— Mas quem disse que eles precisam saber? Vá lá, vá lá! Vamos Guga, prometo que não entramos no arco.

Podemos só escalar a montanha! — disse Kayla.

— Está bem, Kayla. — disse Guga.

Depois de um tempo, os dois foram em direção à montanha. E, quando lá chegaram, ficaram fascinados com o que estavam a ver.

— Isto é ainda mais bonito do que como a tia Zoe descreveu! — afirmou Kayla.

Em seguida, os dois começaram a escalar a montanha. Quando chegaram em cima, começaram a ver a vista que tinham de quase toda floresta. E avistaram também o arco pelo qual era perigoso entrar. Quando tentaram se aproximar um pouco do arco para ver como era, uma corrente fortíssima de vento empurrou Guga até ao arco.

Kayla entrou em desespero e foi a correr para casa avisar os pais o que tinha acontecido:

— Pai, pai! Mãe, mãe! Por favor, ajudem-me! — disse em tom de desespero.

— O que se passou, filha? Estivemos a procurar-te todo este tempo. — afirmou a mãe.

— O Guga! Ele está dentro do arco daquela montanha!

— Como assim, filha? Explica isso melhor. — insistiu o pai.

— Aquela montanha rodeada de astros e estrelas que tem um arco no topo! — disse Kayla desesperada a chorar.

— Meu Deus, filha! Vamos ter de o tirar daí antes que a mãe dele saiba disto! — falou a mãe num tom seríssimo.

∞ O MISTÉRIO DA MONTANHA ILUMINADA | BIANCA CEITA ∞

Logo em seguida, a mãe de Kayla pegou numa corda muito resistente e reuniu alguns animais para ajudarem. O plano era lançar a corda com alguém para o arco, para que depois encontrassem o Guga e o trouxessem de volta.

Quando aí chegaram, puseram o plano em prática. E quem desceu com a corda foi a mãe da Kayla, com o resto dos animais a puxarem-lhe pela corda para que ela não caísse lá. Quando ela desceu, deparou-se com Guga a ser quase atacado por dois leões que aí estavam, mas ela conseguiu pegá-lo a tempo.

Depois deste susto, Guga voltou para a floresta a salvo. De seguida, foi logo ter com a sua mãe e com a sua melhor amiga, Kayla. Depois desse acontecimento, ambas nunca mais voltaram a desobedecer aos pais ou a qualquer outra pessoa e aprenderam a lição.

∞ FIM ∞

☞ O SEGREDO DAS NUVENS PRATEADAS ☜

Bruno Lima



∞ O SEGREDO DAS NUVENS PRATEADAS | BRUNO LIMA ∞

Há milhões de anos, antes de existirem os Homens, havia outra espécie de seres vivos até agora desconhecida, à qual, segundo algumas teorias, chamam Onis. Apesar da sua forma semelhante à do ser humano, estes seres têm cor roxa e vivem algures na cidade das *Nuvens Prateadas*, local onde eu e o meu amigo Ricardo, uma espécie de ser vivo chamado Ortintisculos, com tecnologia mais avançada que a dos Onis, pretendemos ir em busca de toda a verdade.

Mas nós não sabíamos onde ir. Então, ficámos nos nossos confortáveis e relaxantes quartos, esperando uma ideia surgir de súbito.

Um dia, numa bela manhã de segunda-feira, Ricardo lembrou-se de que o seu tetravô possuía milhões de relíquias, desconhecidas no momento. Devido à sua curiosidade, ele considerou uma boa ideia chamar-me no preciso momento em que ajudava a minha querida avó a tirar as dores que ela suportava nas suas costas.

No início, eu recusei, mas depois de a minha avó me ouvir a recusar o seu pedido, ela lembrou-se dos bons momentos em que fazia aventuras com o meu já falecido avô. Depois de se lembrar daqueles bons momentos em que ela fazia aventuras com o meu já falecido avô ela disse-me:

— Querido neto, eu sei que tu te preocupas muito comigo, tal como o teu avô se preocupava, mas eu reconheço que tu necessitas de te aventurar com os teus amigos e eu também não quero que tu fiques assim tão preocupado comigo a ponto de recusar um pedido de uma aventura do teu melhor amigo. Por este motivo, eu quero que vás.

Eu não podia recusar um pedido da minha querida avó, por isso eu simplesmente aceitei sem pensar duas vezes. Porém, também eu lhe fiz um pedido:

— Está bem, avó, mas só se me prometeres que vais cuidar muito bem de ti.

E ela disse que iria realizar o meu pedido.

Assim, aceitei o pedido de Ricardo e ele disse que iríamos para a casa antiga do seu tetravô para ver se encontrávamos alguma coisa relacionada com a cidade

☞ O SEGREDO DAS NUVENS PRATEADAS | BRUNO LIMA ☞

das *Nuvens Prateadas*. Esta curiosidade prende-se com o facto de, na adolescência, o tetravô do Ricardo sempre desejar querer saber mais sobre esta cidade. Viajámos mais para Norte até encontrarmos a casa abandonada do tetravô do meu amigo e também encontrámos um mapa que nos levaria diretamente para lá. Havia um papel, que dizia:

"Este é o mapa que te levará a um sitio cheio de maravilhas, onde sempre quis ir e onde sempre desejei levar a minha família a visitar. Por isso, como neste momento estou demasiado velho para uma aventura, tal como fazia antes, apenas peço à pessoa que está ler este papel para conseguir encontrar o que eu não consegui."

Depois desta comovente carta do tetravô do Ricardo, ele ficou bastante emocionado e teve ainda mais vontade de procurar e encontrar a cidade das *Nuvens Prateadas*. Segundo o mapa que eu tinha lhe acabado de mostrar, nós tínhamos de ir para o Sul, algures na Antártida, para encontrar a passagem para a cidade das *Nuvens Prateadas*. E assim fomos. Encontrámos a passagem que era revestida por ouro e por outros metais que são usados pelo movimento artístico denominado *Rococó*. Depois de a analisar, entrámos e reconhecemos que a lenda da cidade das *Nuvens Prateadas* era realmente verdade.

☞ FIM ☞



∞ A DESCOBERTA ∞

Celma Teixeira

Num certo dia, Kuana acordou após um coma de doze horas. Encontrava-se numa ilha deserta em pleno Oceano Pacífico, sem meios de sair nem meios de lá permanecer. Não possuía uma nacionalidade, muito menos uma família. Nunca teve um lar e ainda mais agora, perdida no meio do mar. Esta é a história de Kuana, uma menina que, por segundos, pensa ser o fim, mas é o início.

Primeiro, vamos conhecê-la. Kuana era um ser humano que não possuía qualquer género. Era uma espécie exótica, nada comparada a um ser humano e nem tão pouco a um animal. Tinha os olhos iguais aos de uma Lagaia, a melanina de uma pantera e os cabelos lindos, iguais aos de uma égua. De onde veio? Tem esta espécie um criador? Como será possível? É mesmo real?

Kuana, ao dar por si, percebe que está numa ilha deserta e que não pode mais voltar ao que era antes ou talvez ao que nem chegou a ser.

Ela vai ao encontro da exploração de algo que sempre viveu em si. Então, começa a deambular pela ilha, reparando no céu azul, no vasto mar, no incrível solo fértil, o qual ia pisando. Na ilha onde se encontrava não havia muita vegetação, apenas pequenos e ligeiros arbustos, relva e ervas daninhas.

Entretanto, dias se foram passando e Kuana refletia com frequência sobre a sua vida anterior, e também na sua vida nova, ou melhor, chamemos de uma vida plena de aventuras. Mesmo já conhecendo o mar, foi naquele final de tarde que pôde ver quão belas eram as cores e quão unidas eram as ondas. Foi naqueles dias ao anoitecer, durante a semana, que se apercebeu de quão preciosas eram as fases da lua e quão brilhante era a lua cheia. Tudo isto não só despertou nela uma luz de saudade, como também de conforto.

Foram naqueles poucos e iniciantes fins de tarde, em que o sol se punha, que ela pôde observar o quão iluminado é um dia e o quão deve ser ele valorizado. Foram também nas poucas chuvas que pôde ver quão cristalina é uma gota de água e o quão saciante e necessária é para nós. Na verdade, ela compreendeu que era

∞ A DESCOBERTA | CELMA TEIXEIRA ∞

muito especial ser-se diferente e exótica, verificando a descoberta de algo novo e exuberante.

Após um mês, era evidente que Kuana já se fazia domadora da ilha: tudo se orientava à sua maneira e de acordo com as suas ordens. Era de se admirar a habilidade de uma espécie totalmente desconhecida e que nunca fora analisada. Como era possível tal perfeita criação? Chegaria alguém um dia aos seus pés? Era de se admirar! De aplaudir! Concluo perante vós, leitores, a minha total indignação e admiração!!!

As cabanas projetadas em realidade, feitas de materiais que a nossa Natureza — um bem precioso — nos proporciona, as construções de areia de inúmeras formas geográficas, sem que ela tivesse aprendido Matemática... O seu lugar para as refeições e descanso tinha imensas cores e flores. Frutas? Legumes? Verduras? Nunca faltava a presença de tais legumes e vegetais, nem sequer as suas paletas de cores variadas se atreviam a aposentar-se. Esplêndido! Magnífico!

Ainda há muito para Kuana descobrir. Já eu, nem sei se ainda estarei neste mundo a tempo de participar em todas as suas aventuras, novas descobertas, sucessos e deceções.

Sem me esquecer, vos deixo um conselho, caros leitores: o medo pode privar-vos de se descobrirem. Não se deixem silenciar por ele. Tentem ser diferentes, como Kuana — livres, aventureiros, decididos. Sintam o desejo de mostrar a vossa criatividade!

Caros leitores, eu, que comecei por uma maravilha vos contar, esqueci-me de me apresentar. Sou eu quem vai numa outra vida, levar-vos a novas descobertas, sem nunca abandonar as vossas incríveis e memoráveis peripécias!!! Um até breve!!!

∞ FIM ∞

∞ A CASA ASSOMBRADA ∞

Cláudia Trindade



∞ A CASA ASSOMBRADA | CLÁUDIA TRINDADE ∞

Num dia chuvoso, com trovões e raios muito fortes nasceram as gémeas Madisan e Alisan. Madisan era a mais destemida das duas, uma miúda linda de olhos verdes com tom de pele negra, uma beleza que não se assemelhava a mais nenhuma. Era uma menina extremamente séria, muito expressiva embora todos a vissem como apática. Já a sua irmã, Alisan, era totalmente o oposto: tinha os olhos azuis e o tom de pele negra mais clara, com uma personalidade marcante, sempre muito extrovertida e brincalhona.

Num belo dia, enquanto estavam a arrumar o quarto dos pais, Madisan encontrou um pergaminho muito velho e levou-o para o seu quarto. E, logo que entrou no quarto, abriu-o e começou a ler em voz alta. Nele encontrou a seguinte mensagem deixada por um fantasma:

“Voltei para clamar o meu lar!!!”

Ao ler esta mensagem, Madisan decidiu contar a sua irmã sobre o que havia visto. A princípio, não soou muito credível para sua irmã, pois, era hábito delas pregar este tipo de partidas uma à outra e, quando Madisan mostrou o pergaminho, já não havia nada escrito. Madisan ficou muito assustada, mas não desistiu.

Madisan, segura do que tinha visto, decidiu começar uma investigação para assim encontrar provas e mostrar a sua irmã que não estava a delirar.

No dia seguinte, ela começou com a investigação, andando pela casa toda à procura de mais pistas. Quando chegou ao sótão, sem perceber encontrou lá muitas coisas estranhas. Madisan ficou muito assustada, mas depois ela acalmou-se e começou a vasculhar tudo e encontrou uma pasta com fotografias de uma família.

Mais tarde, durante o almoço, Madison perguntou aos seus pais:

- Quem são essas pessoas?
- Filha, essas pessoas são os antigos donos desta casa...
- E onde estão eles, pai?

∞ A CASA ASSOMBRADA | CLÁUDIA TRINDADE ∞

— Eles sofreram um acidente de avião enquanto viajavam e morreram, mas a filha deles não estava lá.

— Então! Onde ela está, pai?

— Quando os pais dela morreram, nós compramos esta casa, mas a filha não queria e ela ficou muito chateada e começou a odiar-nos. Passado um mês, suicidou-se.

Depois de Madisan ouvir estas palavras, ficou traumatizada e muito assustada. Então, ela contou ao seu pai que tinha encontrado um pergaminho no seu quarto e que nesse pergaminho havia uma mensagem muito assustadora.

“Voltei para clamar o meu lar!!!”

A sua irmã, Alisan, já cansada de ouvir sempre a mesma história, disse:

— Ai, Madisan! De novo com essa história.

Depois disso, os pais das gémeas contaram-lhes que havia um fantasma na casa e que esse fantasma era a filha dos antigos donos da casa.

Finalmente, Alisan acreditou no que a sua irmã disse, mas já era tarde demais, pois o fantasma já sabia da descoberta de Madisan e matou as gémeas e os seus pais.

∞ FIM ∞

∞ A AMIZADE DE SOL E LUA ∞

Denise Trindade



☞ A AMIZADE DE SOL E LUA | DENISE TRINDADE ☜

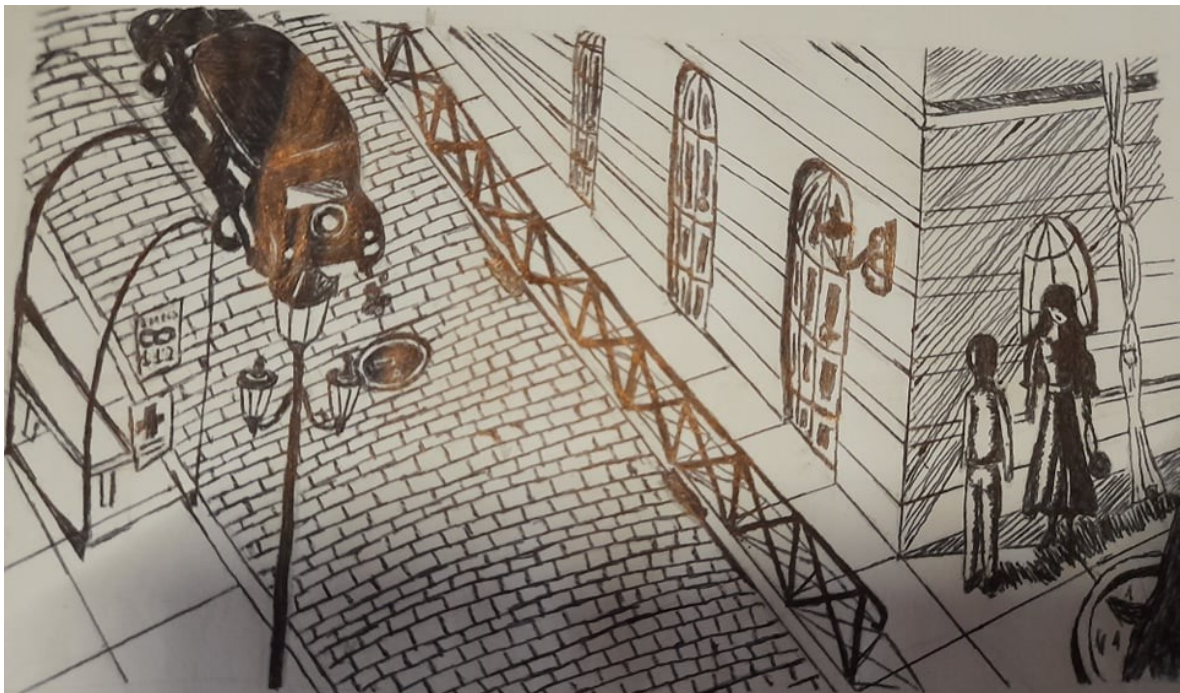
Luana, uma menina de catorze anos, encontrava-se sentada na janela do seu enorme e espaçoso quarto, a ler um conto de fadas. À medida que terminava uma página, olhava acima do telhado da casa ao lado onde podia ver-se, de longe, o horizonte do mar. O céu estava limpo, os pássaros cantarolavam e as pessoas pareciam estar mais calmas do que o habitual, o que agradou bastante a Luana.

Ela era uma rapariga muito bonita, tinha uma pele suave e delicada, os seus cabelos tinham caracóis brilhantes que hipnotizavam qualquer um, já para não falar do seu aroma de caramelo. Luana, mais conhecida como Lua-i, era bem-educada e cumprimentava todos, mesmo sabendo que não podia sair de casa. Nos tempos livres, adorava ler, desenhar, escrever e tocar piano.

— Bom dia, dona Maria! — gritou ela, sendo correspondida com um “Bom dia” e um sorriso de volta.

— Desce daí, Lua-i! Todos os dias a mesma coisa... — ralhou a sua mãe, Helena.

— Sim, mãe. — começou Lua-i. — Estou muito feliz, mãe. Acabei de ter uma ideia: agora que completei catorze anos poderia, se calhar, sair com o Sol-heon? Talvez para a praia.



☞ A AMIZADE DE SOL E LUA | DENISE TRINDADE ☜

— Mas é claro que não! Tu sabes que nunca saíste de casa pelo teu bem, sei que confias nele... Eu e o teu pai confiamos muito no pai do Sol-heon também, mas é melhor assim.

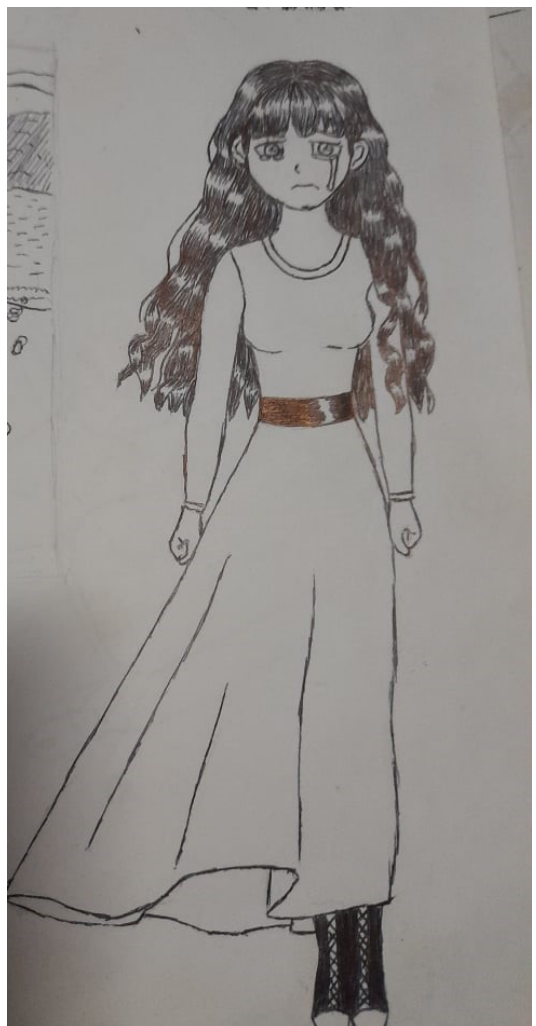
— Sempre me disseste que no mundo lá fora, todos vivem felizes, que cada um vive o seu conto de fadas. Porque é tão perigoso? — questionou Lua-i.

— Não é perigoso, quer dizer, é! Tu és uma menina muito especial, tens aulas em casa e tens tudo o que precisas aqui. Soubeste ler com apenas quatro anos, tens dons e uma beleza que as pessoas podem invejar. Fica, senão ainda crias problemas ao nome da família! — respondeu-lhe a mal-humorada da sua mãe, senhora alta e de igual beleza à da sua filha.

Lua-i não entendia nada, os pais que sempre lhe disseram que o mundo era paz, alegria e honestidade, agora diziam que haveria inveja se ela sáisse. Mas ela não desistiu, pediu à sua mãe que começasse a ter aulas de costura, com o objetivo de coser uma grande faixa que desse para descer da sua janela, no segundo andar, ao chão.

Depois de uma semana, Lua-i conseguiu terminar a faixa e esperou anoitecer para descer por ela e ir de encontro ao seu amigo, o Sol-heon, um rapaz coreano que vivia na casa ao lado, mudou-se para lá com um ano de idade junto como seu pai.

Assim que ela desceu, Sol-heon exclamou:



☾ A AMIZADE DE SOL E LUA | DENISE TRINDADE ☽

— Que roupa é essa? Fica-te bem, mas acho que a minha tetravó usava o mesmo, não te esqueças de que estamos em 2004. Vestias umas calças.

— Eu só uso esse tipo de roupas, passadas de geração em geração.

— Uau, pareces uma princesa. — observou Sol-heon.

Os dois amigos decidiram passar a noite na casa do Sol-heon, uma vez que o seu pai estava fora, porém, no dia seguinte, depois de um passeio, eles acampariam no bosque onde há uma cabana que pertence ao pai de Sol-heon.

E assim foi. No dia seguinte, o sol do verão parecia estar de mau humor. Todos reclamavam do calor, até o vento se recusava a dar uma pequena brisa para refrescar e as pessoas estavam apressadas e stressadas.



— Que horror, não sabia que às seis da manhã havia toda esta confusão! — comentou Luana — Meu Deus, achei que só havia amor e felicidade de manhã.

— Estás enganada, todos os dias é isto. Só acaba por volta das oito horas, momento em que acordas. Normalmente, os teus “Bom dia” são aquilo que anima aqueles de coração mole. — disse o seu amigo — Agora vamos, que daqui a nada sai a tua mãe.

No caminho, podia ouvir-se: “Que sol do Inferno!”; “Tenho de trabalhar novamente, com a desgraça deste calor!”; “Como a senhora pôde criticar e rejeitar, é o melhor pão da cidade, se não o quiser, vá catar coquinho!”. Lua-i ficou assustada, nunca tinha estado sujeita a este ambiente. Esta vila sempre fora calma, assim pensava ela. Contudo, naquele dia, as

peessoas pareciam reclamar até do chão onde pisavam. Para os jovens relaxarem a fazer um bom piquenique, decidiram ir à praia.

Lua-i sempre adorou o barulho das ondas que chegava à sua casa e adorava ainda mais ver as imagens de praias na TV. Mas, para o seu desagrado, a areia estava toda coberta de lixo, duma ponta da baía à outra.

— O mar é mais lindo visto presencialmente, mas porquê tanto lixo aqui? — perguntou ela.

— Bem... — começou Sol-heon.

— As pessoas não cuidam mais da praia, no meu tempo a areia era tão limpa que parecia refletir o sol, assim como o mar. — interrompeu um senhor idoso, que por acaso ouviu a pergunta de Lua-i e não pôde deixar de responder.

— Bom dia, senhor. Acredito no que disse, só desejava estar na realidade que o senhor descreveu. — acrescentou Lua-i, deixando escapar uma lágrima, que correu pela sua face lentamente, como se hesitasse, à medida que avançava.

— Não fiques assim... — começou Sol-heon.

— Ah! Ah! Ah! O namoradinho a tentar consolar, depois vais dizer o quê? Que tudo se irá resolver? — perguntou o senhor, troçando do rapaz — Não há nada a fazer, a cidade não tem condições para resolver o problema.

— Um, eu não sou namorado de ninguém e dois, eu não gosto do facto de o senhor estar constantemente a interromper-me. — afirmou Sol-heon impaciente e com raiva, fazendo sinal para se irem embora.

— É como se diz: *entre o homem e a mulher, não se mete a colher*. Adeus, jovens! — exclamou roucamente o senhor, vendo Sol-heon puxar o braço de Lua-i, levando-a para outra direção.

Dirigiram-se, então, para um parque lá perto, era enorme e verdejante, por isso fizeram o piquenique lá. Sentaram-se à sombra de uma velha macieira e começaram a comer.

☞ A AMIZADE DE SOL E LUA | DENISE TRINDADE ☞

— Humm... Que delícia. Há melhor? Sentar à sombra num dia de verão, comer sanduíches, bolo e frutas e ainda estou acompanhada pelo meu melhor amigo.

— Lua-i, sei que até agora não estiveste muito feliz, mas pode melhorar. — disse Sol-heon quando acabou de comer uma fatia de bolo de frutas que comprou à sua tia. Quando viu a aproximar uma criancinha com um olhar de espanto vindo em sua direção. — Uou... quem és tu?! Não te aproximes mais!

— Sou a Alice, vivo nas redondezas. Meu Deus, nunca tinha visto uma boneca viva, é verdadeira? — disse a menina, fitando Lua-i. Ela era uma criança traquina e curiosa, tem grandes dentes e uma rechonchuda barriga, pois sua atividade preferida é, e sempre foi, comer.

— Eu não sou uma boneca, sou humana como tu. Quem me surpreende és tu, tens o mesmo nome da *Alice no País das Maravilhas*, para além de seres muito parecida com ela, tens o cabelo loiro e um lindo vestido azul. — respondeu alegremente Luana, que sentia que as duas seriam boas amigas. Logo de seguida, Alice, que parecia ter quatro anos, mas tinha seis, viu-se obrigada a ir-se embora quando o Sol-heon disse que era melhor descansarem um pouco.

Ao meio-dia, os jovens acordaram da sesta e foram dar uma volta pela cidade, mais calma naquele horário, pois ninguém perdia a hora de almoçar por nada neste mundo. Os amigos aproveitaram bem o passeio, foram dar de comer aos pássaros, comeram gelados, fizeram uma corrida, o mesmo acabou assim que Luana passou mal. Ela nunca se havia sentido assim, o seu coração começou a doer, já para não falar das tonturas que começou a sentir. Antes de irem acampar no bosque, foram à Biblioteca, tudo isso antes do pôr-do-sol.

— Lua-i, vamos, se não queres perder o pôr-do-sol!

— Espera por mim, Sol-heon! Estava só a acabar aquele capítulo... — gritou Lua-i, levando uma bronca do bibliotecário:

— Chiu! Não se faz barulho na biblioteca!

☞ A AMIZADE DE SOL E LUA | DENISE TRINDADE ☜

— Onde pensam que vão os dois?! — exclamou a madame Helena, aparecendo subitamente à frente dos dois.

— Mãe? O que fazes aqui?

— Isso pergunto eu, Luana! Acharam que se fugissem ninguém me diria nada? Vamos já embora e fica já sabendo que estás de castigo, minha menina. — virou-se então para Sol-heon (que nem pestanejava seus olhos rasgados) – E tu, o teu pai vai adorar saber que fugiste com a minha filha!

A primeira aventura de Lua-i tinha acabado de começar e já estava no fim. Assim que chegaram a casa, houve um silêncio total, nem sequer à hora de jantar se ouvia as suas vozes, quando se contavam as preocupações e vitórias do dia.

Só na altura de recolher, Helena foi com a sua filha para o seu quarto para falarem.

— Luana, ouve... — começou a sua mãe.

— Não, ouve-me primeiro. Li diversos livros sobre os direitos das crianças e quero que respeites o meu direito de falar, desta vez.

— Está bem, filha.

Sendo assim, Luana respirou fundo e começou dizendo:

— Sei que ficaste preocupada e desiludida, mas por favor não contes ao pai de Sol-heon. Eu tive a culpa de tudo, ele não merece ser castigado, até porque tomou muito bem conta de mim. Ele é muito boa pessoa... a primeira vez que fomos apresentados no jantar que houve aqui em casa, eu disse logo o meu nome, mas carinhosamente ele chamou-me de Lua-i, um nome comum na sua cultura, eu gosto muito dele e se for ficar de castigo, peço que ele fique bem.



☞ A AMIZADE DE SOL E LUA | DENISE TRINDADE ☜

— Desculpa, Luana! — disse a sua mãe, com lágrimas nos olhos e comovida com a sua filha — A culpa nem foi vossa, vocês são jovens, é normal... Eu devia desde cedo ensinar-te os perigos do mundo, só que és tão frágil e possuis uma condição rara, o teu coração facilmente pode disparar os batimentos. Por isso, evito que sejas magoada pelo exterior...

— Não faz mal, mãe. — disse Lua-i abraçando a sua mãe — Sou, sim, sensível e não posso evitar, mas podemos tratar a doença. Também sou feliz, é isso que importa, tenho a ti, as cartas do pai que está fora e o Sol-heon.



∞ A AMIZADE DE SOL E LUA | DENISE TRINDADE ∞

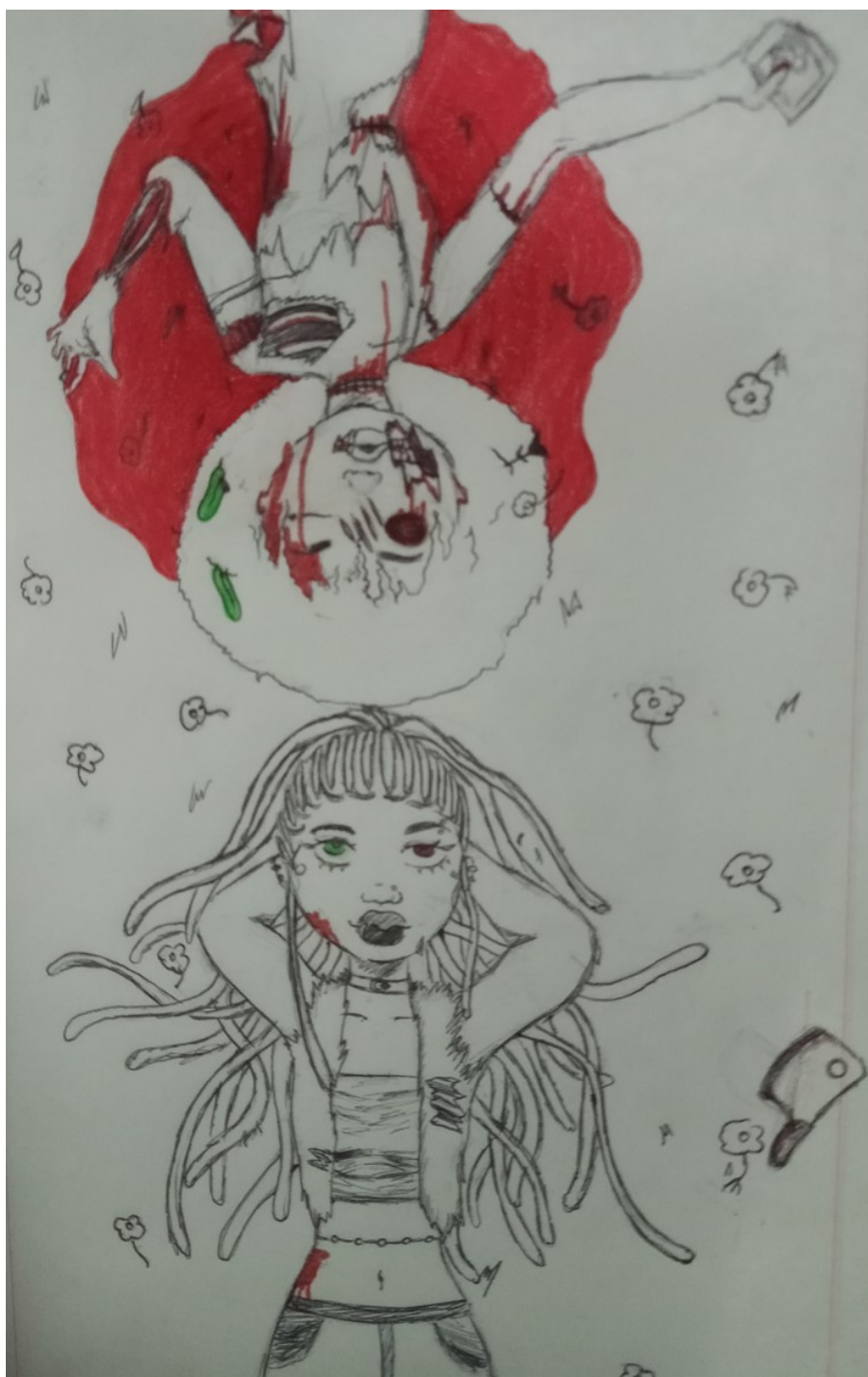
Depois da conversa, a mãe de Luana começou a levá-la à praia e a passear com o Sol-heon. Foi difícil convencê-la a pôr a sua filha na escola, mas Lua-i e Sol-heon juntaram a força da sua amizade e fizeram um ridículo espetáculo (houve até lágrimas e a cara de gatinho molhado). E, assim, Lua-i e Sol-heon ficaram inseparáveis e conquistaram a sua vila com amor e alegria, ajudando sempre os necessitados e encorajando a limpeza da praia. Quanto a Alice, ela era filha da nova ama de Lua-i, então as duas ficaram realmente amigas e muito próximas.

“Assim como o Sol e a Lua nunca poderiam estar juntos, o Destino ofereceu-lhes o eclipse para que, sim, isso seja possível, provando que não existe um amor impossível nem barreiras entre a amizade verdadeira.”

∞ FIM ∞

∞ A TROCA ∞

Gabriela Carvalho



Dez anos atrás... para mim uma data tão estranhamente próxima.

Há dez anos atrás, eu e a minha irmã gémea prometemos uma à outra que sempre estaríamos unidas. Será sempre Alya e Ava contra o mundo. Eu faria tudo por ela e ela tudo por mim sem exitar. Ambas temos cabelos compridos, escuros e crespos, um nariz um pouco batatudo e lábios grossos e encarnados. Ava tem olhos castanhos, já eu tenho heterocromia. Um olho do mesmo tom de castanho da minha irmã e outro verde. Tirando essa minha condição, somos impossíveis de se diferenciar (se eu não tiver os meus *piercings* postos). Eu sempre me senti na obrigação de a proteger por ser nove minutos mais velha. Não importa o que eu tenha de fazer. Eu sempre a protegerei de tudo e de todos. Sempre permaneceremos unidas, mesmo tendo personalidades opostas. Eu, a rebelde, e ela, a calma, que me impedia de ser expulsa da escola. Em troca, como ela era muito frágil a doenças pulmonares eu cuidava dela quando ficava doente.

Dez anos depois, nos dias de hoje. Eu estava à espera que ela saísse de mais uma consulta. Normalmente, ela saía um pouco cabisbaixa, mas dessa vez ela saiu aos prantos e não parava de chorar. Rapidamente, perguntei-lhe o que tinha acontecido:

— Ava, calma. O que aconteceu? — eu estava extremamente agitada e preocupada.

— C-Cancro — eu olhei-a incrédula — Eu fui diagnosticada com cancro do pulmão. Ele já está num nível avançado.

Eu simplesmente desabei, nada mais na minha vida tinha algum sentido. Eu preferia mil vezes que fosse eu ao invés dela. Porquê ela!? Ela nunca fez mal a ninguém... muito pelo contrário! Ela manifestava-se em prol dos oceanos e da vida marinha, dava comida a lares de idosos, cantava para as crianças órfãs e cursava medicina.

A típica filha que toda a mãe amaria ter. Pessoas como ela são precisas para

tornar este mundo num lugar melhor...ao contrário de mim. Porque é que não fui eu!? Ela não podia partir assim! Ela precisa continuar a viver... mesmo que seja apenas uma ilusão. E se eu a substituir, ninguém daria pela minha ausência. Eu sou uma inútil de qualquer forma, ninguém se importará se eu aparecesse morta. Talvez se eu desaparecer com o corpo dela e imitar o seu comportamento e a sua forma der ser eu possa de alguma forma imortalizá-la. Com o passar dos anos talvez eu conseguisse ser ela. Gémeas possuem uma certa conexão, certo? Deverá ser fácil para mim assumir a sua personalidade. Simplesmente, injetaria ar nas suas veias causando a sua morte. Arrancarei o seu olho diferente do meu para que não seja reconhecida. Cortar-lhe-ei os dedos e queimarei as minhas impressões digitais. Jogaria o seu corpo já sem vida, mutilado. Cada parte num saco de plástico que facilmente seria confundido com todo o lixo dos oceanos. É o plano perfeito.

Arrumei a minha mochila com todas as coisas necessárias e convidei a Ava para me encontrar às dez da noite perto do cais para conversarmos. Passei as horas restantes a treinar a frente do espelho. Libertando a minha Ava interior e desapegando-me do meu antigo eu.

Já perto das dez horas da noite, apressei-me para ir ao cais e preparar o local do assassinato... assassinato não é bem a palavra correta, seria mais adequado a palavra *upgrade*. Aquele cais era perfeito. Tinha poucos postes de luz era numa zona isolada. Lá tinha uma pequena casa sem portas, cheia de telas e baldes de tinta, logo o sangue que eu não conseguisse limpar poderia facilmente passar-se por tinta. Enquanto preparava tudo, vejo o rosto confuso da minha irmã:

— Alya, o que estás a fazer?-ela deu uma vista de olhos à casa e perguntou:

— Podemos ir para outro lugar?

Eu simplesmente peguei no lenço com soporífero e abracei-a:

— Ava, tenho uma proposta para te fazer.

Contei-lhe o meu plano maravilhada, afinal, era a melhor solução. Ela olhou-

-me como se eu fosse uma psicopata.

— Estás doida!? Só podes estar a brincar! Esse plano é doentio! Eu sei que estás preocupada comigo e isso deve ter mexido com o teu psicológico, mas... Vamos apenas para casa e pensaremos numa solução juntas.

— É realmente uma pena, mas eu já resolvi o problema.

Coloquei o lenço com soporífero fortemente no seu nariz e apaguei-a. Injetei o ar na sua veia com luvas, com uma faca e uma pinça arranquei-lhe o olho. Comecei a mutilar-lhe com um cotelo, separando a sua cabeça, braço, antebraço, coxa e perna do seu tronco, pondo cada parte num saco de plástico e atirando no mar. Recolhi o seu Cartão de Cidadão e telemóvel. Coloquei a minha lente de contacto, retirei os meus *piercings*, limpei tudo, saí e agi como se nada tivesse acontecido. Cheguei a casa e adormeci. No outro dia, fui à esquadra da polícia reportar o “desaparecimento” de “Alya”, assim que passou o tempo necessário. Já me adaptei à vida da antiga Ava e até agora ninguém desconfiou.

Passaram-se dois anos e o corpo da verdadeira Ava foi encontrado. Fui chamada para prestar depoimento várias vezes, o que me fez pensar de que talvez eles me tenham como principal suspeita, visto que eles tornaram a investigação privada até para mim.

Já se passaram mais anos e a polícia tem me chamado cada vez mais. Tenho interpretado o meu papel de Ava perfeitamente, fui a várias manifestações e trabalho como pediatra num orfanato.

Estava tudo a correr bem, todas as manhãs conversava com a verdadeira Ava através de orações. Porém, numa manhã, em vez de acordar com a minha irmã no coração acordei com batidas na porta. Sonolenta, desci as escadas e abri a porta, dando de cara com um polícia que imediatamente me prendeu e de forma monótona disse:

— A senhora está presa por assassinato, tem o direito de permanecer calada.

Todo o meu esforço não seria em vão. Dei-lhe um pontapé e fugi. Mais uma vez, não me restava mais nenhuma opção senão forjar a minha própria morte. Corri até chegar ao centro da cidade para comprar um telemóvel descartável. Só não esperava ver a minha cara em todos os cantos. Rapidamente tentei esconder-me mas fui avistada e perseguida. Não conseguia ver o meu plano ruir então gritei o mais alto que pude, desmaiando no meio da cidade. Apenas ouvi os latidos dos cães e braços robustos a agarrarem-me.

Acordei com uma visão quadrada. Quando despertei, percebi que estava numa cela. Eu entrei em desespero. Eu não entendia o que tinha corrido mal. Não foi propriamente um homicídio. Foi um transplante de corpo. E eu sou a Ava! Penso como ela e pareço-me com ela. Eu não deveria estar cá! Agitei fortemente as grades mas nada. Ao longo do tempo fui desistindo, segura de que aquilo não passava de um mal entendido.

Passaram-se meses e eu fui injustamente condenada. Eles dizem que eu sou doente mental, apesar de me sentir muito sã, por isso mandaram-me para um hospício. Tentei explicar-lhes que era apenas um transplante de corpo e que eu era a Ava mas eles não me ouviram e aqui estou eu. A caminho de um hospício vitoriano, numa montanha, à beira-mar. Um lugar de onde eu só sairia de lá morta.

Dois anos depois... a minha rotina era baseada em "tratamento" psicológico para um problema que não existe. Certo dia, uma das psicólogas chamou-me e como ali não se tinha escolha fui obrigada a ir. Prenderam-me na cadeira e trancaram as portas como sempre:

— Espero não voltar a ter de repetir isto!

Eu já estava farta de tudo aquilo então ignorei tudo até que uma coisa me chamou a atenção:

— A única forma de saíres daqui é estando morta! Ou então comesas a apresentar resultados..

∞ A TROCA | GABRIELA CARVALHO ∞

A única forma de acabar com isto é morrendo... Parece que finalmente verei a minha irmã. Balancei a cadeira para trás partindo a mesma. Peguei nas injeções que lá havia caso eu saísse de controle e com elas apaguei todo o mundo. Peguei as chaves de uma funcionária e abri a porta. Disfarcei-me de psicóloga e saí do hospício como se nada fosse. Já poderia ter feito tudo isto há mais tempo, mas faltava-me determinação e algum motivo. Corri para e beira daquela montanha e desabei em lágrimas.



∞ A TROCA | GABRIELA CARVALHO ∞

— Será que fiz o correto? Claro que sim! Mas... qual foi o sentido da “minha” vida? Talvez proteger a minha irmã só que... eu foquei-me tanto nela que não vivi a minha própria vida.

Acho que esse foi o meu único arrependimento. No entanto, faria tudo de novo. Estou ansiosa para reencontrar a Ava. Espero poder ser a verdadeira Alya onde quer que esteja depois da morte.

Sem esperar mais, saltei para o mar. A última coisa que senti foi um grande alívio e paz me encher. A morte não é assim tão má, quando estamos sozinhos no mundo.

Aqui vou eu, irmã. Serão Alya e Ava contra o “mundo”. Outra vez.

∞ FIM ∞

∞ UM VERÃO AVENTUREIRO ∞

Henry Ferrreira



Numa tarde de domingo abrasador, por volta das 15:00 horas, Mafalda e José estavam na sala a brincar e jogavam *Playstation 5*, com alguns colegas da escola que tinham sido convidados lá para casa.

José, como era o mais tonto e brincalhão, começou a imaginar coisas e, logo de seguida, disse:

— Apetecia-me uma mousse de chocolate!

Mafalda, admirada, perguntou ao irmão:

— O quê?

— Apetecia-me comer mouse de chocolate.

— Porquê?! — Retorquiou Mafalda.

— Olha, porque está muito calor e estou com fome. Quando estou com fome começo a imaginar coisas.

— Se estás com fome, vai à cozinha, faz um pão ou come frutas.

José riu-se e, em vez de se levantar, fechou os olhos.

— Estou mesmo a ver uma grande taça de mousse à minha frente e bem gelada. Depois, enfiou a colher e levou-a à boca. Hum...está delicioso!! — disse José, deliciado. — A mousse está muito fofa e doce, parece uma nuvem de chocolate!

— Ai, que parvo, José!

Ele fingiu não ter ouvido e sentou-se no chão, afirmando:

— Olha! Uma enorme fatia de bolo está a vir para ti, Mafalda, está muito cremosa, com pepitas de chocolate como tu gostas, aproveita que está quentinha. — disse José a brincar.

— Para com isso, oh! Estás a deixar-me com água na boca! — disse Mafalda, impaciente.

O tempo ia passando e Mafalda decidiu ir à cozinha preparar um lanhe para todos.

∞ UM VERÃO AVENTUREIRO | HENRY FERREIRA ∞

Entretanto, Mafalda e José tinham combinado jantar com os colegas e os pais deles decidiram levá-los a um restaurante. Pouco tempo depois, prepararam-se e todos saíram.

Ao chegar ao restaurante, receberam a notícia de que a reserva que fizeram tinha sido cancelada e que o restaurante já não tinha espaço para mais pessoas.

Então, com a triste notícia, um dos colegas propôs voltarem para a casa de Mafalda e encomendarem comida, o que foi aceite por todos.

De regresso a casa, Mafalda pediu ao José, que era o irmão mais novo, ir buscar os jogos de tabuleiro, as cartas e a *Playstation 5* que estavam guardados no quarto que ambos partilhavam.

De seguida, sentaram-se na sala e começaram novamente a brincar e à espera que a comida encomendada chegasse.

De repente, ouviram a campainha a tocar e Mafalda, prontamente, correu até à porta para verificar de quem se tratava.

Do lado de fora, estava um senhor com um saco na mão e sentia-se o cheiro da comida.

Mafalda imediatamente perguntou:

— Quem é?

Prontamente, o senhor respondeu o seguinte:

— Boa noite! Vim fazer a entrega do seu pedido.

— Está bem! É só um momento. — disse a Mafalda que, sem demora, foi a correr chamar o seu pai.

— Pai, o senhor da entrega já chegou. Podes lá ir à porta?

— Sim, Mafalda, já vou. Disse o pai.

Enquanto recebia a encomenda, Mafalda, José e os colegas estavam a dar grandes gargalhadas na sala.

☞ UM VERÃO AVENTUREIRO | HENRY FERREIRA ☜

Foi-lhes entregue o saco da comida encomendada e eles notaram que dentro do saco havia um convite que era para participarem num jogo chamado “*Escape Room*”.

Um dos amigos foi, logo de seguida, pesquisar na Internet e verificou que a turma deles tinha sido escolhida para um jogo.

Eles viram a localização e dirigiram-se até lá de carro.

Quando lá chegaram, eles encontraram um grande armazém que ficava perto de um porto de barcos abandonado. Começaram a discutir para saber se entravam ou não naquele lugar, até que um dos colegas, Miguel, disse o seguinte:

— Não é por acaso que aquele convite veio parar até nós. Se veio até nós, então fomos os escolhidos para jogar este jogo. Eu vou entrar, mais alguém vai?

Foi assim que, sentindo-se encorajados, todos decidiram entrar.

Quando entraram no armazém, a porta fechou-se automaticamente. Eles estavam dentro de um enorme escritório com vários enigmas à volta deles. As janelas do escritório estavam tão realistas que tudo parecia de verdade.

De repente, as paredes e os tetos começaram a aquecer e a sala do escritório começou a ficar mais quente.

Lara, que era uma das colegas, tinha achado um enigma na parede junto à escotilha e avisou os outros para também começarem a procurar, até que acharam um outro enigma e só conseguiram sair de lá após várias peripécias.

Quando saíram, eles voltaram ao mesmo lugar onde estavam antes e logo se aperceberam de que tudo isso que estava a acontecer era como se tivessem num mundo paralelo.

No dia seguinte, quando foram à escola, contaram a aventura que lhes tinha acontecido aos seus colegas e eles ficaram deslumbrados.

☞ FIM ☜

∞ PONTAPÉ DE SAÍDA ∞

Jack Diogo



∞ PONTAPÉ DE SAÍDA | JACK DIOGO ∞

No dia dezanove de outubro de 2008, nasceu Jack, um menino simples e normal como os outros, um menino que viria a ser uma estrela consagrada.

Jack morava com os pais e os irmãos em Água Marçal, São Tomé, e era um menino muito inteligente. Tinha um enorme potencial e muito sucesso em tudo que fazia.

Ele queria ser piloto de avião, tinha tudo para o ser, entendia muito de aviões e até sabia como fazer um avião levantar voo.

— É uma profissão muito arriscada, não te aconselho — diziam as pessoas, quando Jack falava o que queria ser.

Na escola, Jack era um excelente aluno, gostava de jogar futebol em todas as aulas de Educação Física e, nos finais das aulas, era um exemplo.

Dois anos depois, Jack criou uma paixão pelo futebol. Inspirado pelo avançado de elite *Erling Haaland*, ele descobriu que era isso que queria ser.

Ao princípio, os pais tentaram fazer com que ele desistisse, mas depois viram que não havia mais nada a fazer. E, quando ele falava às pessoas, desta vez elas diziam:

— Jogador de futebol cá em São Tomé será impossível!

Mas Jack não ligava e dedicou-se totalmente ao futebol. Enquanto isso, as suas notas foram descendo cada vez mais, o que obviamente não agradava aos pais, os quais começaram a tomar decisões cruciais, como a proibição de jogar futebol.

No começo do segundo período, Jack empenhou-se tanto na escola e as suas notas voltaram ao auge.

Os pais de Jack viram o seu esforço e sentiram que precisam de ajudar Jack. Começaram por lhe oferecer uma bola. No final do último período, com boas notas, os pais decidiram fazer uma viagem definitiva para Portugal, para que o tal sonho se realizasse.

Jack estava muito feliz à chegada e, uma semana depois, já estava inscrito num clube de futebol de *Sub-15*.

∞ PONTAPÉ DE SAÍDA | JACK DIOGO ∞

Era um clube com muitos jovens, por isso a concorrência pela titularidade foi muito alta. No entanto, todo o potencial de Jack foi suficiente para ter a titularidade como ponta de lança principal da equipa. Liderava a lista de marcadores da liga e era um orgulho para os seus pais, quando o viam jogar.

Após três anos, Jack foi jogar para o *Benfica B* na liga "Revelação", destacando-se muito. Não foi preciso mais de um ano para ser chamado pela equipa principal, tendo sido igualmente convocado para a seleção Portuguesa de *Sub-21*.

Jack iria fazer o seu jogo de estreia na liga dos campeões, frente ao *Real Madrid*.

Começou no banco, mas aos setenta e cinco minutos, já feito o aquecimento, entrou no jogo, um momento muito marcante para Jack. Mais ainda no final, com uma vitória por dois a um com um golo de Jack nos últimos segundos, tendo sido considerado o "homem do jogo".

No final da temporada, com trinta e nove golos, doze assistências em vinte e seis jogos, Jack venceu o prémio *Golden Boy*.

∞ FIM ∞

☞ A CARTA PARA O PAI NATAL ☜

Leonor Moita



∞ A CARTA PARA O PAI NATAL | LEONOR MOITA ∞

Num domingo chuvoso, em pleno mês de dezembro, Dinis decidira fazer a sua carta ao Pai Natal. A sua mãe sempre lhe disse que não podia abusar dos pedidos, pois havia muitos meninos no mundo, e todos mereciam uma prenda para o Natal. Ele estava muito indeciso se havia de pedir um brinquedo, ou se iria pedir algo de bom para o mundo. Tinha estado a ver um programa de televisão e tinha ficado impressionado e triste com a quantidade de lixo que andava a boiar nos oceanos. Será que o Pai Natal conseguiria ajudar nesta situação? Ele não se importava de ceder o seu presente, e ajudar tanto a vida marinha como as populações que viviam perto destes locais muito poluídos.

Decidiu, por fim, fazer uma carta muito simples, com a esperança de que poderia ajudar de alguma forma.

Querido Pai Natal,

Eu portei-me muito bem este ano e as minhas notas na escola foram boas. Podiam ser melhores, mas consegui tirar positiva a todas as disciplinas e os meus pais ficaram muito felizes. Estive a pensar muito sobre a prenda deste ano. Tinha pensado nuns patins novos, mas, entretanto, vi um programa na televisão que me fez mudar de ideias.

Se fosse possível, gostava que fosse tirado todo o lixo dos oceanos. Há muitos animais que vivem no mar a morrer, e as pessoas que vivem perto desses locais muito poluídos também estão a ter muitos problemas. Para saberes quem sou, sou um menino baixo, com cabelo castanho, magrinho, engraçado e corajoso, chamado Dinis.

Dinis



Na manhã seguinte, Dinis entregou a carta à mãe cheio de esperança em poder ajudar a melhorar o mundo. Faltava pouco tempo para o Natal e ele adorava esta época do ano.

Dois dias antes do Natal, Dinis teve um sonho muito estranho. No meio de uma feira grande de Natal, toda decorada, cheia de pessoas felizes, encontrou-se com um dos Duendes do Pai Natal feliz e com um gorro de Natal:

— Olá, tu és um Duende do Pai Natal? — perguntou Dinis.

— Sim, claro que sou. — disse o Duende.

— Mas tu podes estar aqui à frente de toda a gente? Pensava que ninguém os podia ver! — exclamou Dinis

— Só as crianças que acreditam na magia do Natal é que nos podem ver, mas não podem contar a ninguém!! — respondeu o Duende.

— Eu não vou contar a ninguém, eu prometo. Sabes se o Pai Natal recebeu a minha carta? — perguntou Dinis preocupado.

— Claro que recebeu, Dinis. Mas agora tenho de ir, porque estou atrasado com as minhas tarefas. Adeus! — disse o Duende.

☞ A CARTA PARA O PAI NATAL | LEONOR MOITA ☜



Dinis acordou, mas ficou com a sensação de que o sonho tinha sido real, que tinha mesmo conversado com um Duende do Pai Natal.

No dia 25 de manhã, quando acordou, deu um pulo da cama para ir abrir os presentes que tinha, e viu que tinha recebido uns patins novos e cheios de estilo. Apesar de ser uma coisa que ele queria muito, ficou triste, porque o seu outro pedido não tinha sido realizado.

Durante o almoço de Natal com os seus pais e os seus avós, todos assistiam ao telejornal na televisão. O seu pai gostava de ouvir sempre as notícias do dia. De repente, começam a passar imagens de grandes gruas, redes e barcos gigantes, tendo aparecido umas letras em rodapé, as quais chamaram a atenção de todos:

“Grande empresa decidiu contribuir com os seus serviços para ajudar no combate à poluição dos mares do mundo!”

A criança não podia acreditar no que os seus olhos viam, mas percebeu que o seu pedido tinha sido atendido. Estavam ainda a começar, mas era uma grande operação para acabar com o lixo nos oceanos. Dinis já nem conseguiu almoçar, e ficou colado à televisão a ver tudo o que estava a ser feito.

Foi o melhor Natal da sua vida!

☞ FIM ☜

∞ A VIAGEM DE SONHO ∞

Leticia Pereira

∞ A VIAGEM DE SONHO | LETÍCIA PEREIRA ∞

Numa bela noite de Verão, quatro amigos, Kira, Anthony, Vitória e Gabriel, estavam sentados à beira-mar, como faziam sempre em todas as noites de Verão.

Os quatro viviam no mesmo condomínio e passavam longas noites juntos a planejar a grande viagem de sonho que todos partilhavam — o belo sonho de passar as férias de Verão nos mais belos *resorts*, nas grandes praias e nos grandes parques aquáticos.

De súbito, Kira, uma menina de olhos grandes e castanhos, com lábios carnudos e rosados e com cabelo cacheado, teve a brilhante ideia de começarem a poupar e a guardar todo o dinheiro possível para que conseguissem pagar a viagem e a estadia que tanto sonhavam fazer.

— Acho que se todos nós contribuirmos pelo menos vinte ou dez euros por dia, conseguimos fazer a viagem e desfrutar imenso! — disse Kira aos amigos.

Passadas várias semanas, após todos cumprirem com o combinado, reuniram-se no centro do condomínio para juntarem as suas poupanças.

— Olha lá, Vitória! Quanto é que conseguiste poupar e guardar nestas últimas semanas? — questionou Anthony, um rapaz meigo e engraçado, de cabelo encaracolado e com olhos grandes.

— Consegui cento e cinquenta euros! — respondeu, entusiasmada. — Fui guardando o dinheiro que a minha mãe me dava e consegui trabalhar no *McDonald's* durante essa semana. Trabalhei imenso e também poupei muito, mas o importante é que no fim valeu a pena!

No fim, após juntarem todo o dinheiro, contabilizaram o suficiente para concretizar a viagem dos seus sonhos. Felizes, foram para casa e conseguiram convencer os pais a fazer a viagem que tanto ansiavam.

O tempo passou depressa e o dia da viagem estava cada vez mais próximo. Muito ansiosos, começaram a arrumar as suas malas.

Chegou, finalmente, o dia da viagem, mas ainda lhes esperavam três horas de

∞ A VIAGEM DE SONHO | LETÍCIA PEREIRA ∞

autocarro. As horas passavam-se e, para se distraírem, conversavam sobre o que iriam fazer, quais eram os planos para a estadia, entre muitas outras ideias. Feita a viagem de autocarro, chegaram ao melhor *resort*, o *Grande Real Santa Eulália Resort & Hotel Spa*, em Albufeira, Algarve — Portugal.

Era enorme. Dispunha de 4 piscinas exteriores, um campo de ténis, um centro de *fitness*, campo de golfe, um *Spa* e um centro de bem-estar. Ficava diante de uma praia gigante com vários outros entretenimentos.

E, assim, os quatro amigos passaram as melhores férias que poderiam ter!

∞ FIM ∞

∞ EM BUSCA DO PARAÍSO ∞

Lidia D'Almeida



Chamo-me Lia. A minha vida era maravilhosa até aos seis anos, quando a minha mãe morreu de cancro e o meu pai resolveu mudar para uma cidade que se chamava Castelo Branco, que eu detestei ao princípio. Passava noites e dias a chorar, fiquei deprimida e perdi o ano letivo.

Depois de um ano naquela cidade, finalmente pude regressar às aulas. A escola era antiga, tinha um aspeto gótico e isso fazia com que eu odiasse ainda mais aquele lugar. No entanto, foi lá que eu conheci a minha melhor amiga, a Beatriz. Ela era muito linda, tinha o cabelo curto e os olhos azuis, ao contrário de mim, que tenho os olhos verdes, da cor das esmeraldas e o cabelo cacheado.

Os dias foram passando e parecia que eu gostava menos daquela cidade. Mas em compensação, o sorriso e a amizade da Beatriz às vezes me faziam pensar o contrário.

Terminei o primeiro ciclo como sendo a melhor aluna da escola e o meu pai estava muito orgulhoso de mim.

Fizemos uma viagem de sonhos naquelas férias para Setúbal com a família da Beatriz. Ao passarmos por Santarém, vimos as cidades velhas e tiramos várias fotos engraçadas. De seguida, fomos a uma igreja que se chamava Igreja da Graça. No dia seguinte, fomos ao Museu Diocesano onde vimos arte do século XIII, e também algumas estátuas, pinturas e azulejos sublimes. Por último, fomos ao Convento de São Francisco que é um dos tesouros góticos de Santarém e tinha sido um convento do século XIII.

Depois de horas na estrada, chegamos finalmente a Setúbal e a primeira coisa fizemos foi pôr o fato de banho para irmos à praia de Galapinhos. Brincámos e até tentámos surfar, mas Beatriz acabou por ser picada por um ouriço-do-mar. Eu fiquei muito triste pois não tinha mais ninguém para correr comigo na areia.

Dois dias depois, Beatriz já estava melhor, então fomos para o Parque Natural da Arrábida. O parque tinha diversas montanhas e lugares de assinalável interesse

∞ EM BUSCA DO PARAÍSO | LÍDIA D'ALMEIDA ∞

e beleza natural, tais como a Serra do Louro, Serra do Risco, Serra de São Luís, Serra dos Gaiteiros, Serra Longa, Serra de São Francisco e a própria Serra da Arrábida.

Decidimos passar por Évora e visitar a Capela dos Ossos, que só de ouvir falar já dava arrepios. A capela foi construída no século XVII por iniciativa de três monges franciscanos.

Por fim, regressamos a Santarém e conhecemos o Complexo Aquático Municipal da região, depois de uma tarde cheia de diversão. Finalmente, regressamos a casa depois dessa aventura incrível!

Anos se passaram, adicionamos mais aventuras magníficas às nossas vidas. Hoje, com dezoito anos, Beatriz e eu estamos de caminho à Universidade. Fizemos uma promessa e vamos à busca do paraíso nas nossas vidas, sempre juntas!

∞ FIM ∞



∞ O REENCONTRO ∞

Marlene Sarça



∞ O REENCONTRO | MARLENE SAREA ∞

Tudo começou quando Elóa, uma menina de treze anos, baixa, de olhos castanhos, lábios graciosos, cabelo enorme e cheio de cachos, que se sentia solitária mesmo tendo muitos amigos, foi apanhar ar no parque. Por instantes os seus olhos pousaram num menino com ar calmo, que também se sentia solitário, de olhos castanhos como chocolate, caracóis castanhos com uma mistura de loiro, com um nariz tão lindo que parecia uma obra de arte.

À primeira, Elóa não lhe ligou, mas passado algum tempo, o menino, que se chamava João, começou a imitá-la. Elóa, confusa e sem saber o que se passava, começou a rir.

Algum tempo depois, Elóa e João tornaram-se amigos, grandes amigos. Conversavam por horas e viam que tinham muito em comum e a solidão que sentiam estava a desaparecer. Porém, para João, no lugar da solidão vinha a paixão.

Três anos se passaram e João escondia o que realmente sentia por Elóa. Tentou até afastar-se, mas não conseguiu. Elóa passou todo esse tempo sem saber o que ele realmente sentia por ela, só o ficou a saber no dia em que João lhe contou que se ia embora e lhe entregou uma carta. Elóa ficou triste, devastada ao saber que ele lhe tinha escondido tal coisa.

Na carta estava uma linda declaração e uma pulseira que só poderiam tirar quando o outro não significasse mais nada na sua vida.



∞ O REENCONTRO | MARLENE SAREA ∞

Elóá,

Não sei ao certo como seria a melhor maneira para te o dizer, mas aqui vai....

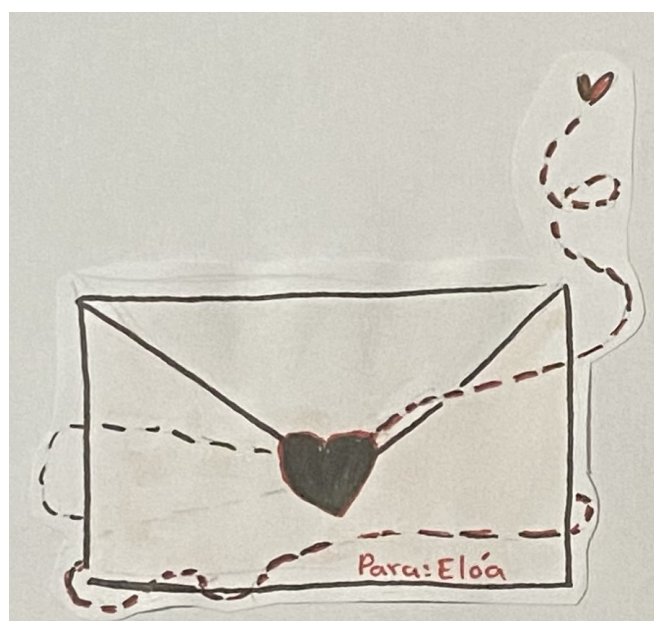
AMO-TE, amo cada detalhe que tens, o teu olhar, o teu riso, a maneira como andas (às vezes quase caís), as tuas piadas sem graça nenhuma, mas que me fazem rir. Os dias que passamos à beira-mar, a ver o luar e as ondas do mar foram inesquecíveis e estarão guardados em mim e em ti... queria voltar a fazer tudo, uma e outra vez, e não ter de me ir embora, pelo menos sem ti.

O que será de mim sem ti? NÃOOO, não quero saber. Não quero que seja um adeus, mas sim um até já... Não quero que me esqueças, mas sim que consigas viver sem mim por perto, por isso deixo esta pulseira e só a podes tirar quando eu não significar mais nada na tua vida (espero que não aconteça).

Irei fazer o mesmo.

ATÉ JÁ...

João



∞ O REENCONTRO | MARLENE SAREA ∞

Depois de três semanas, Elóa respondeu à carta, dizendo que também gostava dele, e que sentia a sua falta. Um mês, dois meses, três meses se passaram e Elóa continuava sem resposta e sem esperanças.

Noite após noite, Elóa pensava se João já a teria esquecido e seguido em frente e João... Enfim, estava confuso. Durante muito tempo, o sentimento de saudade magoou os dois. Dois anos se passaram e os dois tinham seguido em frente, um sem sinal do outro, mas ambos continuavam com a pulseira no pulso...

"Depois de tanto tempo, nunca imaginei que o iria reencontrar, mas... lá estava ele, à minha frente e com a pulseira no pulso", pensou Elóa, no momento em que viu João, com lágrimas de felicidade por o reencontrar. Porém, lembrou-se, de seguida, de que este não lhe tinha respondido à carta e que talvez não fosse ficar tão feliz por a reencontrar.

Mas sabia ela que não podia fingir que não o tinha visto, pois iria arrependê-lo. Por isso foi até ele.

Olá, João! Há quanto tempo? — disse Elóa, com um sorriso no rosto.

— Elóa? — disse ele, com um ar assustado e surpreendido, ao mesmo tempo — meu Deus, eu...



∞ O REENCONTRO | MARLENE SAREA ∞

— Quem é? — perguntou a atual namorada de João, que se encontrava ao seu lado. Elóa apenas observava sem saber se ela ou João deveria responder à menina.

— É só uma amiga de infância — respondeu João, tentando não olhar diretamente nos olhos de nenhuma das duas.

“É só uma amiga de infância?”, repetia Elóa para si mesma, sem entender, pois para ela, aquele “só” estava a classificar toda a história, a amizade que tinham como insignificantes na vida dele. *“Devia ter calculado que diria aquilo, mas não...”*, pensava Elóa.

Sem saber o que poderia dizer ou fazer, a menina ao lado de João deu-lhe um beijo. Elóa compreendeu que já não tinha um motivo para estar ali a querer revê-lo, mas, antes de se ir embora, disse:

— Se me tornei em apenas “SÓ uma amiga de infância”, porque ainda tens a pulseira no pulso? — perguntou ela, fitando a pulseira. João e a namorada olham na direção da pulseira também...

Depois daquele dia, Elóa e João não voltaram a reencontrar-se. Mas passadas mais ou menos três semanas, João apareceu à procura de Elóa, querendo uma explicação. *“Mas porque me procurava?”*, questionava-se ela. Curiosa, marcou um encontro com ele para comer um gelado.

Naquele dia, João perguntou a Elóa, porque é que só tinha enviado a carta naquele momento, porque é que tinha esperado tanto tempo para lhe responder e porque lhe fazia aquilo. Sem entender nada, Elóa respondeu-lhe:

— Eu já te enviei a carta há cerca de dois anos, João, mas nunca tive uma resposta...

— Nunca tiveste uma resposta, pois nunca tive algo para responder — disse João justificando-se.

∞ O REENCONTRO | MARLENE SAREA ∞

Depois de muito conversar, rir e tentar entender o que tinha acontecido com a carta, que mudou a história dos dois, juntos, descobriram que ela tinha sido enviada para o sítio errado e que só decidiram reenviá-la para o sítio certo após dois anos. Elóa e João combinaram sair, mais vezes, fizeram piqueniques, passeios em dias ensolarados, cozinham juntos... E em algum momento, após se terem reconciliado, João acabou por terminar com a sua namorada e quatro meses depois, pediu Elóa oficialmente em namoro.

E, assim, Elóa e João viveram felizes para sempre.

É isso que tu, caro leitor desejas ler, mas a verdade é que tudo não passa apenas de um sonho, uma imaginação, que criei enquanto estava deitada no mar, a olhar para as nuvens brancas num céu azulado.

A imaginar como seria encontrar alguém que realmente gostasse de mim, verdadeiramente.

Pena que é apenas uma imaginação e que não será nesta história que encontrara o final feliz de um conto de fadas, pois não sou uma fada, mas sim a narradora e a personagem principal. Vira a página, e talvez encontres lá o final feliz que tanto queres, mas não encontras.

∞ FIM ∞

∞ A PRINCESA DO OLHO DOURADO ∞

Melissa Ferreira

∞ A PRINCESA DO OLHO DOURADO | MELISSA FERREIRA ∞

Num reino distante, havia um rei e uma rainha. O rei tinha cabelos azuis até ao nível do pescoço e os seus olhos eram vermelhos. A rainha tinha cabelos pretos, lisos e longos e os seus olhos eram verdes. A rainha estava à espera de um bebé e faltava pouco tempo para nascer. Dias depois, a princesinha nasceu. Era uma bela menina de cabelos azuis. A princesa tinha um olho dourado e outro verde. Decidiram dar-lhe o nome de Naomi. Meses depois, o castelo, onde viviam, foi atacado e, na tentativa de proteger a sua filha, o rei e a rainha foram mortos. Naomi foi levada por um dos bandidos.

Dezoito anos se passaram e Naomi cresceu, tornando-se numa jovem muito bela. Ela vivia numa casa com uma mulher, chamada Matilde, que dizia ser sua mãe. Esta tinha olhos e os cabelos pretos. Matilde tinha uma filha de nome Margareth. Loira de olhos pretos, era uma menina mimada, preguiçosa e muito malcriada, ao contrário de Naomi, que era uma menina muito doce, trabalhadora e gentil.

— Naomi, vem aqui! — berrou Matilde.

Naomi desceu as escadas o mais rápido que pôde, mas com cuidado para não cair.

— Precisa de alguma coisa, senhora? — perguntou Naomi.

— Traz-me já um chá! — ordenou.

— Sim, minha mãe.

Naomi era como uma empregada naquela casa. Fazia todos os trabalhos de casa: arrumava, limpava, cozinhava, entre outras tarefas domésticas. Ela levou-lhe o café e continuou a fazer o que tinha de fazer. De súbito, Matilde recebeu uma ligação sobre a sua dívida, sendo que, se não pagasse, iria perder todos os seus pertences. Foi então que ela teve a ideia de mandar Naomi arranjar um emprego:

— Naomi! — gritou Matilde.

— Sim, mãe — respondeu Naomi.

— Venha cá, agora mesmo!

∞ A PRINCESA DO OLHO DOURADO | MELISSA FERREIRA ∞

Naomi deixou o que estava a fazer para ir responder à sua mãe.

— Preciso que encontre um trabalho em que lhe paguem bem.

— Mas onde vou arranjar um trabalho, senhora? — perguntou Naomi, surpreendida com o que acabara de ouvir.

— Não sei, procura. Vai agora mesmo!

— Sim, minha mãe.

Naomi preparou-se para procurar o seu novo trabalho. Ela tentara em vários lugares, mas sem sucesso.

— E agora, o que eu faço? Não posso voltar e simplesmente dizer à minha mãe que não tenho emprego! — lamentou Naomi num tom triste.

Naomi aproveitou para descansar da caminhada e foi para o seu lugar favorito: um campo de flores onde passava um rio de águas transparentes e frescas. Pelo menos, assim pensava ela. Quando ali chegou, o sorriso de seu rosto desapareceu, pois, o rio, que ela tanto amava, estava sujo e com muito lixo.

— Porque é que as pessoas não veem o perigo que estão a causar para os animais marinhos? — resmungou.

Revoltada, voltou para a cidade. A poucos metros do palácio real, Naomi contemplou-o, pensativa.

— Não custa tentar — disse para si mesma.

Sentindo-se mais confiante, caminhou até ao palácio, vendo um guarda real ruivo de olhos amarelos.

— Com licença, desculpe! — disse Naomi, recebendo a atenção do guarda.

— Sim? Precisa de alguma coisa, senhorita? — perguntou o guarda.

Naomi respirou fundo e, com muita timidez e vergonha, fez a seguinte pergunta:

— E-Estão a p-precisar de alguém para trabalhar aqui no palácio?

— Não sei, menina, quem trata disso é a rainha Elizabeth, mas podemos tentar

∞ A PRINCESA DO OLHO DOURADO | MELISSA FERREIRA ∞

— afirmou o guarda.

— S-Sim, é claro, nunca saberemos se não tentarmos, não é? — disse Naomi esforçando um sorriso.

— Sim, siga-me — pediu o guarda, entrando no palácio.

Naomi entrou no palácio, observando o quão grande era e tinha muitos quadros da família real. O guarda levou-a até a uma sala onde se encontrava uma mulher loira de olhos azuis. Ela usava um vestido azul e uma tiara. O guarda ajoelhou-se, fazendo uma vénia, e disse-lhe:

— Rainha Elizabeth, com a sua licença. Trago aqui uma jovem que lhe deseja falar.

— Quem és tu e o que fazes aqui? — Inquiriu a rainha, erguendo os olhos cheia de curiosidade.

— Chamo-me Naomi, tenho dezoito anos e queria saber se podia trabalhar aqui — respondeu Naomi de cabeça baixa.

A rainha olhou-a de cima a baixo, reparando na cor de seus olhos:

— O que tens nos teus olhos? Porque são desta cor? — perguntou a rainha, cada vez mais interessada.

— Nasceram assim. — respondeu Naomi.

Após pensar um pouco a rainha consentiu.

— Está bem, Naomi, podes trabalhar aqui, mas vais ter de viver aqui no palácio.

— Sim, muito obrigada, minha rainha — agradeceu, muito entusiasmada, pois conseguira um emprego. Dirigiu-se posteriormente a sua casa, de carruagem que tinha sido solicitada pela rainha, para ir buscar algumas roupas e outros objetos que lhe faziam falta. Rapidamente se espalharam as novidades.

Instalada no palácio, a jovem foi apresentada a todos os que viviam no palácio, inclusive a jovem príncipe, Ethan, um rapaz loiro de olhos vermelhos. Tinha a mesma

∞ A PRINCESA DO OLHO DOURADO | MELISSA FERREIRA ∞

idade de Naomi e iria tornar-se rei, em breve. Quando ela o viu, apaixonou-se imediatamente por ele, mas sabia que não tinha nenhuma chance com ele.

— Quem iria querer se casar com uma mulher como eu? — Murmurou Naomi, para que ninguém a ouvisse.

Dois meses de passaram e Ethan estava muito próximo o dia da sua coroação. Foi então que a rainha decidiu dar uma festa para comemorar, convidando todos os reis, rainhas, príncipes e princesas de outros reinos. Todos, de alguma forma, tinham contribuído para organizar a festa. O salão nobre estava esplêndido, decorado de forma maravilhosa. Havia doces, comidas, bebidas e músicos vestidos a rigor. As pratas reluziam com as luzes dos candelabros. Tudo estava belo e ao gosto da rainha. O bolo do rei Ethan era enorme e decorado com perfeição. Constituído por dez camadas, era branco com pintas vermelhas, com uma coroa no topo.

Tendo terminado os seus deveres, Naomi foi para o seu quarto. Chegando lá, viu um manequim com um vestido muito bonito. Era de um tecido vermelho, com pérolas espalhadas pela saia e com mangas longas. Reparou, também, num colar, numa tiara e nuns sapatos de veludo vermelho, que se encontravam ao lado do vestido. Em cima de sua cama, viu uma carta com o seu nome e decidiu ler o que estava lá escrito:

"Naomi, a rainha Elizabeth quer que tu sejas a sua convidada de honra na festa de seu filho."

A jovem ficou surpreendida com o que leu, não acreditando que iria ser a convidada de honra da rainha. Vestiu-se e foi logo de seguida para o salão do baile, vendo todos os convidados e, principalmente, Ethan. Naomi sentiu ciúmes quando o viu a falar com outras princesas, mas depois a sua atenção virou-se para a rainha que a chamou. Naomi dirigiu-se ao local onde a rainha se encontrava:

∞ A PRINCESA DO OLHO DOURADO | MELISSA FERREIRA ∞

— Sim, minha rainha?

— Estás muito bonita, Naomi — disse a rainha com um sorriso grande estampado na cara.

— Obrigada — agradeceu, com uma ligeira vénia.

Outros príncipes e reis aproximaram-se de Naomi, elogiando a sua beleza e a cor de seus olhos.

— Estás linda, Naomi — afirmou Ethan, aproximando-se.

— O-Obrigada — disse, corando muito.

coroação de Ethan correu bem e não teve nenhum erro. O mordomo real disse que Ethan iria dançar com a princesa que tivesse escolhido para ser sua rainha. Todos ficaram em dúvida, porque Ethan nunca teve nenhuma relação profunda com nenhuma princesa dali. Ethan andou em direção de Naomi e perguntou-lhe:

— Aceitas dançar comigo?

Todos ficaram em choque, inclusive Naomi. Ethan pegou na mão de Naomi e puxou-a para dançar. Os dois dançaram calmamente e muito sincronizados. Parecia que tinham treinado para isso. Quando a música parou, Ethan ajoelhou-se em frente de Naomi e perguntou-lhe:

— Aceitas casar-te comigo?

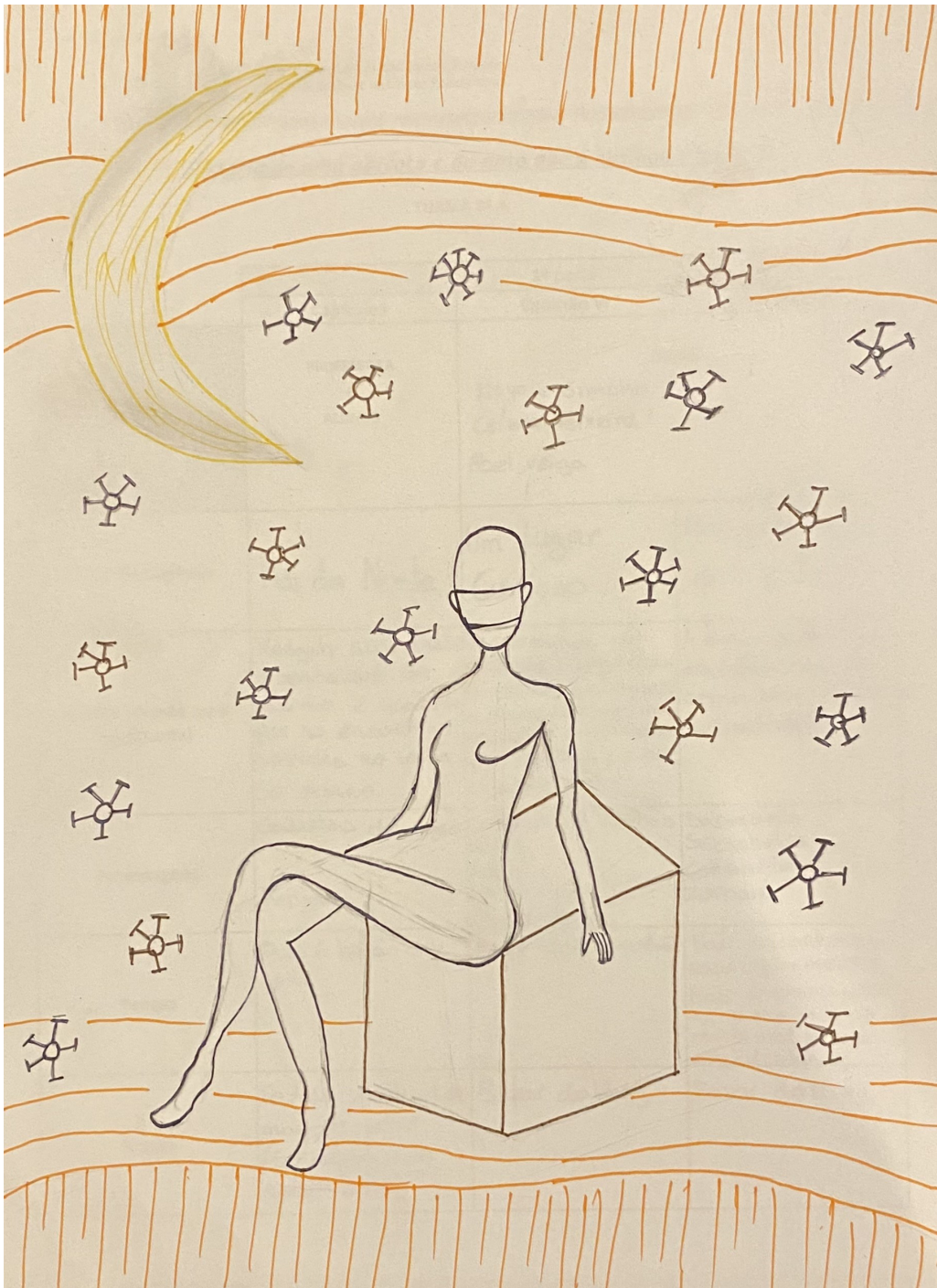
— Sim, aceito! — respondeu Naomi, muito feliz.

E, assim, casaram-se, tiveram gémeos, um menino de olhos verdes e dourados e a menina de olhos vermelhos e dourados. Viveram felizes até o fim de suas vidas.

∞ FIM ∞

VOVIVIRUS NUM APAGÃO

Nayolę Guadalupe



VOVIVIRUS NUM APAGÃO | NAYOLE GUADALUPE

Já imaginaram, qual poderá ter sido a origem do Vovovirus?

Uma médica em quarentena dedicou o seu tempo livre a imaginá-lo. Muitos deram como origem do vírus a poluição dos oceanos, embora Ada não estivesse muito de acordo.

Durante uma noite fria, uma pequena cidade da Europa viu-se diante de um apagão, iluminada apenas pelas estrelas e o luar que se refletia no mar.

Ada era uma médica dos anos noventa, muito bonita, era negra, tinha olhos cor-de-mel, o nariz parecia ter sido esculpido e o seu cabelo era crespo e aparentava ter sido desenhado fio por fio.

Ada estava em quarentena por ter apanhado o Vovovirus durante uma noite de serviço no Hospital de *Star City* e aproveitou então o apagão para dar asas à sua imaginação.

Na sua fantasia, tudo havia começado na terceira Guerra Mundial, disputada pela Nova Zelândia, Brasil, São Tomé, República Checa, Austrália e Macau. Macau estava em minoria, tinham poucos armamentos e equipamentos. A sua capacidade para a guerra era péssima, visto que nunca imaginariam estar diante dum confronto, embora as suas capacidades laboratoriais e químicas eram surpreendentes e extraordinárias. O governador de Macau, perante esta situação, mandou chamar o comandante do exército, o seu braço direito, e o mesmo chegou em minutos.

— Boa tarde, Vossa Excelência, fico feliz por ter me chamado — comentou o comandante.

— Preciso da sua ajuda. Temos tido imensos problemas com o exército e acho que devemos tomar uma medida - contestou o governador.

— Concordo, ontem falei com um dos militares e a situação está crítica — acrescentou o comandante.

— Continuando, acho que devemos criar um vírus, para que possamos abalar os exércitos rivais — sussurrou o governador.

∞ VOVOVIRUS NUM APAGÃO | NAYOLE GUADALUPE ∞

— O quê?! — berrou o comandante do exército.

— Não grite! — reclamou o governador — Acho que é o mais acertado a se fazer.

— Peço desculpa — desculpou-se o comandante.

— Já estive a falar com os especialistas e o vírus fica pronto amanhã. Logo que o tenhamos pronto enviá-lo-emos por avião e espalharemos o vírus pelo ar — explicou o governador.

— E o nosso exército não apanhará o vírus? — perguntou o comandante

— Não, pois andarão sempre de máscara e com óculos protetores — esclareceu o governador.

— Tenham cuidado — alertou o comandante, retirando-se de imediato.

E, assim, prosseguiu-se o plano como previsto. Todos os exércitos foram infectados, exceto o de Macau. Durante os primeiros dias, nada havia sido sentido. Após duas semanas, notou-se que muitos dos militares tinham febres de quarenta graus, tosse seca e pintinhas no rosto. Devido à vulnerabilidade dos exércitos, Macau acabou por ganhar a guerra e os restantes militares voltaram para os seus países, passando assim o vírus para os seus familiares e amigos.

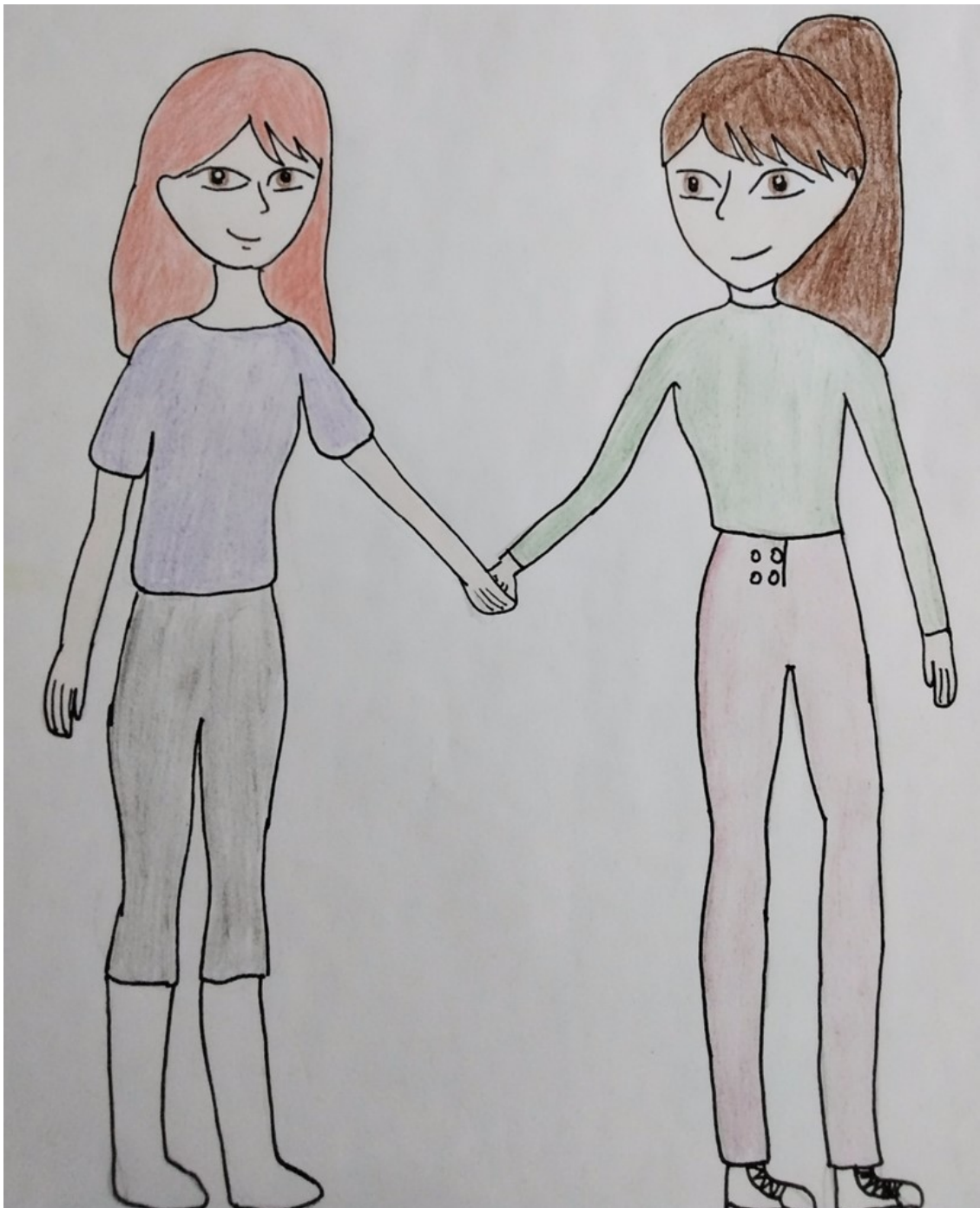
Foi aí então que tudo começou. Havia muitas mortes, visto que a medicina não era tão desenvolvida e havia pouco conhecimento sobre o vírus. Os mais atingidos foram os mais velhos, então deram o nome de "Vovovirus" ao vírus.

Ada terminou a sua fantasia, quando a luz de sua casa se acendeu e finalmente pôde ir descansar. Com o tempo, desenvolveram os conhecimentos sobre o vírus, mas ainda continuam à espera da cura.

∞ FIM ∞

∞ HUMANIDADE ∞

Sílvia Cruz



Esta é a história de duas irmãs: a mais velha, Ha-yun, de 23 anos, e a mais nova, So-ri, de 19 anos. Ambas viviam numa pequena povoação isolada para a qual, uma estranha mulher da cidade se tinha mudado recentemente. Ninguém sabia qual era o seu objetivo com esta mudança repentina. Um dia, enquanto as duas irmãs se dirigiam para casa, repararam, subitamente, num anúncio que dizia:

«Procura-se uma secretária e uma assistente!»

So-ri parou imediatamente, puxando sua irmã pelo cabelo:

— So-ri, o que queres? — gritou Ha-yun, pisando o pé da sua irmã.

— Olha, esta é a nossa oportunidade! Vamos já! — insistiu So-ri, pulando.

— Por amor de Deus, So-ri! Tu não leste aqui em baixo, idiota! Aqui diz que temos de morar lá e eu não vou morar em casa de alguém que eu não conheço! — declarou Ha-yun, pondo um fim à conversa.

O dia foi passando e elas continuaram a fazer as suas tarefas em silêncio até à hora de jantar. A mãe das meninas e Ha-yun trouxeram a comida: duas espigas de milho, três batatas e um pouco de sopa.

— Mãe, nós tivemos uma proposta de emprego! — exclamou So-ri, sorridente e muito animada.

— É mentira, mãe, ela só viu um anúncio e, além disso... — ia dizendo Ha-yun, antes de ser interrompida pela irmã.

— Eles pagam bem, muito bem! O suficiente para sustentar seis famílias! — disse So-ri, interrompendo a sua irmã.

— Vamos precisar de morar lá! — gritou Ha-yun, levantando-se.

— Vocês vão e fim de conversa! — gritou a mãe furiosa. — Quase todos os jovens estão a ir embora desta cidade, pois ninguém quer viver como agricultor, feirante ou mendigo... Quase todos são pobres, não têm dinheiro para alimentar nem a

∞ HUMANIDADE | SÍLVIA CRUZ ∞

si mesmos, nem aos seus filhos. Se há uma oportunidade destas, não a percam. São jovens, têm a vida pela frente e não podem desperdiçar uma oportunidade de ajudar a nossa vila.

Elas foram para a entrevista de emprego e conseguiram: Ha-yun como secretária e So-ri como assistente. A senhora que se mudou para a vila chamava-se Jeong. Ela era uma mulher de trinta e cinco anos e pretendia extrair petróleo. Porém, aquilo traria péssimas consequências para o ambiente. Elas enfrentavam um grande dilema: por um lado, isto ajudaria as pessoas, pois traria emprego; por outro, a poluição destruiria os ecossistemas.

A situação começou a descontrolar-se. As pessoas estavam a enriquecer e não se importavam com o meio ambiente. Com o passar dos anos, o petróleo foi acabando e o mar tornou-se nada mais nada menos do que uma água preta. As praias estavam cheias de manchas negras; as tartarugas, gaivotas e outros animais, mortos, e expeliam um odor terrível.

Após tudo isso, todos abandonaram aquele local. A maioria foi para a cidade. Atualmente, aquele local está abandonado. As irmãs e a sua família tiveram de abandonar a cidade, apesar de a senhora Jeong ter dado muito dinheiro para as pessoas não contarem nada do que aconteceu. Contudo, Ha-yun e So-ri viram-se na obrigação de o fazer. Por isso, elas criaram um *vlog* no qual contaram toda a história, começando também a trabalhar no *Green Roof*, um projeto que pretende ajudar o meio ambiente.

Esta história tem um final "feliz", mas imagine quantas mortes foram causadas pelo egoísmo humano... Alguns aprendem a lição, outros não. A isto chamamos simplesmente de *Humanidade*...

∞ FIM ∞

∞ O SONHO DE MUITOS, A REALIDADE DE POUCOS ∞

Steven Ramos

Tal como foi dito pelo Doutor *Megapunk*, num bilião apenas mil pessoas têm talento para o futebol.

No dia 19 de dezembro de 2090, o Doutor *Megapunk* abriu uma sessão e criou mais de oito biliões de testes para testar todos os seres humanos que quisessem ser jogadores de futebol. Quem não testasse positivo, nem valia a pena tentar ser jogador de futebol.

Num dia, em casa de Steven Midoriya, perguntaram-lhe se ele queria fazer o teste do jogador e ele, com o sonho de se tornar o melhor jogador do mundo, respondeu:

— Sim, claro! É o meu sonho desde criança.

No dia seguinte, foi ao laboratório do Doutor *Megapunk* e fez o teste. Para seu azar, o teste tinha dado negativo.

Midoriya foi para casa cansado e um pouco triste, pois era o seu sonho. Tinha como seu ídolo Cristiano Ronaldo, mais conhecido como "Shanks, o ruivo". Dias se passaram e Midoriya decidiu que, mesmo que o teste tenha dado negativo, ele não se deixaria abalar e jurou que seria o melhor jogador do mundo, pois o seu ídolo disse para que fossem fiéis aos seus sonhos.

E assim foi. Midoriya juntou-se a uma categoria de base para ser o melhor jogador, tendo arranjado muitos inimigos. Um dia, perguntaram-lhe, em tom escarni-nho:

— Como é que tu achas que serás o melhor jogador, uma vez que tu não tens nenhum potencial?

— Eu sei que serei o melhor — respondeu, numa atitude confiante.

— Ah! Ah! Ah! Se o mundo vivesse apenas com a sua força de vontade, eu seria muito rico! — disse um dos colegas de equipa, às gargalhadas.

— Eu não tenho o sonho de ser rico e nem de enriquecer com o futebol. Eu pratico este desporto pela diversão e pelo prazer, entendem? — respondeu, procurando ter um discurso convincente.

A partir desse momento, Steven Midoriya ainda se esforçou mais para ser o melhor. Sofreu muitas críticas, mas graças à sua dedicação e empenho conseguiu ser o melhor jogador do mundo, tendo aconselhado todas as crianças, que se encontravam no estádio, após mais um grande jogo:

— Nunca desistam dos vossos sonhos, mesmo que o teste dê negativo! Não cedam perante quaisquer críticas. Sigam o vosso coração e lutem, sempre!

☞ FIM ☜

⌘ A HISTÓRIA DA TARTARUGA TATÔ ⌘

Ticiane Alegre



∞ A HISTÓRIA DA TARTARUGA TATÔ | TICIANE ALEGRE ∞

Numa noite de luar, a tartaruga Tatô veio desovar à praia de Morro Peixe. Durante a escavação, foi surpreendida com um grito estrondoso de uma ave de rapina, e disse o seguinte:

- Quem está na praia a esta hora? Fazendo escavações e guardando muitas bolas de Ping-Pong? Será que pela primeira vez irei ver um jogo de Ping-Pong na praia?

A tartaruga replicou:

- Oh, morcego vigilante, não tem nada a fazer?

- Não sou nenhum morcego vigilante, sou guarda noturno da praia, e não aceito que a praia seja um local para praticar atos como este- respondeu a coruja.

- AHAHAHAHAHA- sorriu a tartaruga - achas que não protejo o ambiente? Nasci nesta praia há trinta anos e fui muito bem tratada por humanos.

Passando algum tempo, lá continuou Tatô a desovar as suas centenas de ovos. Terminando o trabalho, voltou a cobrir com areia e, como se nada tivesse acontecido nesta praia, já no seu remo ao mar, avistou novamente a coruja sentinela que lhe perguntou:

- Porque é que voltaste a deixar tudo limpo como antes?

Tatô dirigiu-se até ela, calmamente, dizendo:

- O planeta é de todos nós, se cada um de nós fizer a sua parte, haverá lugar para todos. Podemos multiplicar e sermos felizes no nosso planeta.

-E tu, coruja sentinela, porque estás tão solitária e melancólica – perguntou Tatô.

A coruja sentinela- respondeu-lhe:

-Olha, vou contar-te uma coisa: aqui, em São Tomé, não me deixam circular de dia, pois acham que sou um feiticeiro.

-O quê? Não acredito. Isto é uma grande palhaçada. Porque fazem isto com a tua espécie? – perguntou Tatô..

∞ A HISTÓRIA DA TARTARUGA TATÔ | TICIANE ALEGRE ∞

— Deverias fazer como a minha espécie, esconder-te na imensidão dos oceanos e tu na vasta e densa floresta Tropical, assim podemos estar protegidos.

— Boa!!!! Que grande ideia. Assim irei fazer.

Assim, partiu a tartaruga em direção ao denso azul e profundo oceano, deixando para trás os seus ovos.

A coruja sentinela, de dia em dia nas suas passeatas noturnas visitava sempre a praia de Morro Peixe.

Foi numa das suas passeatas noturnas que ficou também surpreendida com um conjunto de pequenas tartaruguinhas que saíam do buraco. Parecia uma fila de formigueiros. Alguns desses filhotes foram em direção ao rio, perto da praia e outros em direção ao mar. A coruja ficou admirada com o que viu, pois nunca tinha visto nada igual. Porém, lembrou-se das palavras sábias de Tatô.

Passados alguns meses, avistou uma tartaruga perto do rio da mesma praia durante a sua passeata noturna e ficou surpreendida, pois a tartaruga não cresceu e deu-lhe o nome de Bencú. Depois de a ter avistado, perguntou:

— Onde está a Tatô, Bencú?

— Quem é a Tatô? — Perguntou Bencú curioso — podes dizer-me quem é?

— Tatô? É a tua mãe, foi ela quem depositou os ovos aqui — disse a coruja.

— Mas eu não tenho mãe, eu sou livre e solitário como tu — disse Bencú.

— Então porque é que não estás nos oceanos como as outras tartarugas? — perguntou a coruja.

— Eu gosto do rio, a água é amena e doce e eu não me perco lá. E ouvi dizer que os oceanos são sujos, estão cobertos de lixo e de plásticos utilizados pelos humanos. Também me disseram que muitos animais marinhos morrem devido a esse lixo. E eu tenho muito muito medo, por isso vivo no rio — disse Bencú.

— O rio também não é seguro, porque a qualquer momento pode aparecer um humano que te leve a vida—disse a coruja.

∞ A HISTÓRIA DA TARTARUGA TATÔ | TICIANE ALEGRE ∞

— Isto não é verdade. E sei que nos rios os humanos não podem deitar qualquer tipo de lixo ou substâncias inflamáveis, pois podem acabar com as espécies que lá existem — disse Bencú.

— Esta conversa foi muito interessante, mas tenho de ir. Adeus. Vejo-te depois, foi bom conhecer-te-disse Bencú.

— Adeus pequenina. Também tenho de cuidar dos meus filhotes — disse a coruja.

Após esta despedida, a coruja voltou para a floresta, mas não parava de pensar em Bencú, passou horas e horas a pensar na tartaruguinha. A coruja tinha uma grande consideração pela tartaruga Tatô assim sendo queria cuidar de Bencú uma vez que era o único filhote de Tatô que ela conheceu. A coruja adorou conhecer Bencú, ela admirava-o, pois ele era uma simples tartaruga que vivia sozinho, num rio grande.

A coruja sabia que Bencú tinha amigos, mas os amigos não são a nossa família. Ela sabia que Bencú era solitário por isso queria estar com ele.

Após duas semanas, a coruja e a tartaruga tornaram-se melhores amigos, falavam de tudo, riam, cuidavam um do outro e o mais importante tinham uma amizade incrível confiavam um no outro e estavam sempre dispostos a ajudar um ao outro.

Ter um amigo em quem confiamos é muito importante. Hoje-em-dia, é difícil encontrar um amigo que está disposto a nos ajudar, a distinguir o bem do mal, que é honesto e sincero connosco. Valorizem os vossos amigos, valorizem aqueles amigos que são sinceros e honestos convosco. Mas cuidado nem todos que passam de bons amigos ou que fingem ser bons amigos são nossos amigos de verdade.

∞ FIM ∞

Turma 8º A

Contos



Turma 8.º A — Fotografia de: Pedro Lima (junho, 2022)

Esta coletânea de contos reúne as histórias mais criativas dos alunos da turma **A, do 8.º Ano**, elaboradas ao longo do ano letivo de 2021/2022, no âmbito da disciplina de Português. Numa linguagem simples e com ilustrações admiráveis, estas histórias encantarão o público de qualquer idade!

PORTUGUÊS

2021 / 2022



EPSTP — CELP

Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe —
Centro de Ensino e da Língua Portuguesa